

RENDA-SE, PAULISTA!

PELO

45
10-1-32
Dr. Luiz Vieira de Mello

“Renda-se, Paulista!” é a obra maxima deste inquieto 1932.

Astrô Sintra — “Folha da Noite”, 16-11-32.

* * *

Traçado ainda no acceso da luta, “Renda-se, Paulista!” é trepidante e é vivido. Cheira a polvora e a chamusco.

Respigador — “Folha da Manhã, 8-11-32.

* * *

Livro vivido, cheio de paginas empolgantes, o “Renda-se, Paulista!”

“Diario da Noite”, 1-11-32.

Autoriso a publicação
e circulação do livro
«Renda-se, Paulista!», de
autoria do dr. Luiz Viei-
ra de Mello.

Alfredo Issa

(Direct. do Depart. Publicidade)



Renda-se, Paulista!

EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA



Dr. LUIZ VIEIRA DE MELLO

Medico civil, official de combate e chefe
do material bellico do contingente de
Assalto Saldanha da Gama.

981.61
527

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

este volume achado registrado

n.º número

3895

do ano de

1946

Os livros sobre a Revolução

“Renda-se, Paulista!” pelo Dr. Luiz Vieira de Mello

O sr. dr. Luiz Vieira de Mello, medico nesta Capital, teve a gentileza de enviar ao “Respigador” deste canto de columna o seu recente livro: “Renda-se, Paulista!”

Confesso que, a principio, extranhei o titulo. Mas, logo, adiante, encontrei a explicação: exprime a intimação recebida pelo autor, numa das frentes de combate, por parte de adversarios já visados pelo seu fuzil, pois o dr. Vieira de Mello pertenceu como official de combate e encarregado do material bellico, á columna “Saldanha da Gama”. Prisioneiro, escreveu, em doze horas, as cento e tres paginas que constituem o volume, que li com sofreguidão. São, por assim dizer, cento e tres paginas de notas e de observações interessantissimas que poderão servir—e servirão por certo—de subsidio quando alguem quizer, desapaixonadamente, fazer a historia do movimento deflagrado na noite de nove de julho. O autor não se preocupou com o estylo. Soldado, escreveu como os soldados cultos falam.

Traçado ainda no acceso da luta, “Renda-se, Paulista!” é trepidante e é vivido. Cheira a polvora e a chamusco. Ao descrever quadros emocionantes de que foi actor e autor, o dr. Vieira de Mello não se esque-

ceu de formular criticas, ás vezes severas, algumas das quaes terão o apoio de muitos, notadamente dos que, de facto combateram. E quem combateu, quem pegou em armas apenas para servir um ideal e não para fazer o jogo de politicos ou de partidos,—e estôu certo de que nenhum combatente se encontra nestas condições,—tem autoridade para censurar e criticar, autoridade que falta aos que se deixaram ficar longe do trôar dos canhões e das gargalhadas moni-feras da metralha.

Elogiando os que souberam ser soldados, o autor foi, não raras vezes, rude para os que acreditaram que iriam tomar parte numa passeiata militar. Estava no seu direito. Respondam-lhes os attingidos em cheio. Nas poucas scenas dantescas descriptas, o autor apparece como homem de coragem e soldado valoroso. E a sua bravura não pôde ser posta em duvida, pois, cessado o fogo e despida a farda do official voluntario, o civil a revelou de novo, pois, no momento presente, quando o sistema nervoso da terra gloriosa de Piratininga ainda não se tonificou, é preciso ser bravo para dizer coisas capazes de arranhar, mesmo de leve, a epiderme da intolerancia. E isso porque verdades existem que nem em tempos normaes pôdem ser proferidas. Mas, repito, quem pegou em armas, lutou, foi ferido e traz no corpo fundas cicatrizes, não pôde ser inquinado de suspeição.

O livro do dr. Vieira de Mello, é, pois, insuspeito e corajoso. E eu admiro os homens que têm a coragem de tomar attitudes firmes. Poderia, entretanto discordar de alguns reparos feitos pelo autor e de algumas das suas opiniões.

Ficará isso para outra oportunidade, quando volta-rei a tratar desse livro, que li com agrado e muita sym-pathia. — RESPIGADOR.

(Folha da Manhã - S. Paulo, 8-11-932)

Livros Novos

“RENDA-SE, PAULISTA!” — O dr. Luiz Vieira de Mello teve a gentileza de offerecer á “Platêa” um exemplar do livro “Renda-se, Paulista!”, que acaba de publicar com tanto exito. Official de combate, chefe do material bellico do contingente de assalto Saldanha da Gama, o depoimento do autor tem a grande vantagem de ser insuspeito, como protagonista que foi da grande campanha em que S. Paulo empenhou todas as suas forças vivas e uteis.

Alguns livros publicados logo após a revolução de Outubro desmoralizaram este genero de literatura, pela insinceridade de muitos que os escreveram, os quaes, em sua grande maioria, desejavam apenas allegar serviços prestados á causa. O livro do dr. Vieira de Mello não está nesse numero. E’ este, no momento, o maior elogio que se póde fazer.

Prefacio da segunda edição

«Imperfeito como um vestido trabalhado ás pressas, mas sincero».

Foi a dedicatória deste livro na primeira tiragem.

Nem podia ser diferente.

Dictado ao compositor, directamente, dos pedaços de papel que consegui para escrevel-o, não teve quasi revisão. A fadiga, que ainda conservava um mez apóz a guerra, excusou-me plenamente.

O publico comprehendeu-o. A critica dos jornaes foi extraordinariamente complacente e honrosa para mim.

Entrego o decimo quinto milheiro satisfeito com o meu trabalho.

Humilde, mas franco e verdadeiro. Por isso mesmo—rude.

* * *

De identico modo pelo qual fui participar dos combates para poder fallar delles, só nesta tiragem, depois de bem examinados os factos, quiz fallar dos homens, politicos e militares, dos seus nomes e das suas acções.

O historiador escrupuloso não póde se basear em juizos ligeiros. A vida honesta do cidadão faz parte do patrimonio moral da nação. E' preciso não a delapidar levianamente.

Constituem estas observações um capitulo novo, introduzido no livro, sob o titulo de «Gregos e Troyanos».

A guerra foi tremenda e horrivel, mas como todas as cousas deste mundo, ainda conseguiu deixar saudades.

«Meditação Sublime», meu penultimo capitulo, guardará para sempre esse episodio brilhante da minha vida.

«Acta fabula est» são as conclusões da historia que se acabou.

—E' este o meu livro.

Prefacio

Este livro é escripto para o povo da minha terra! Quero que S. Paulo saiba porque perdeu a revolução!

Não foi pela covardia do soldado paulista. Foi pela covardia dos politicos que tramaram a rebellião.

O paulista deu tudo que tinha—sangue e dinheiro. O trabalho na guerra foi valiosissimo. Nossas trincheiras, admiraveis construcções que pasmaram o inimigo. A competencia dos technicos e dos dirigentes não offereceu duvidas. A bravura do paulista pôde ser igualada, mas nunca superada!

S. Paulo perdeu porque os homens que fomentaram a guerra, sabiam de ante-mão, que lá não iriam, nem os seus filhos.

Assim, com uma inconsciencia incrivel, atiraram para a lucta armada o povo

bom e digno, como um lote de gado que se joga para o matadouro.

Si a victoria fosse das nossas armas, seria a victoria delles. Si a derrota nos adviesse, existia a Argentina, o Paraguay e a Europa. Homens de dinheiro facil, não pensaram na miseria a chegar, não pensaram nos orphãos, não pensaram em nada.

“Aguenta e o fogo que a victoria é nossa!” Isto é facil de dizer e pensar longe das trincheiras.

Onde os elementos para supportar o fogo? Onde a munição, os canhões e os aviões?

Trahição ou ignorancia? Não—falta de escrupulos.

Nunca vi, de fuzil em punho, sustentando pelas armas a guerra civil que promoveram, nem um só dos principaes incitadores do povo.

Apontem-me um unico, politico ou filho de politico, morto nos campos de batalha.

Não tem o direito de provocar uma guerra, quem não tem coragem para ir sustental-a na hora do fogo.

Este livro foi escripto logo no final da lucta. Sinto ainda o corpo quente dos companheiros mortos! Vejo o lampejo de

vida agonizando nos olhos dos moribundos. Li as cartas e os diários desses homens.

Si existe um Deus, que a maldição delle cáia sobre a cabeça dos culpados! São Paulo é grande e o seu povo sempre será grande! O inimigo reconhece o valor de S. Paulo e dos seus homens. S. Paulo foi derrotado como a Allemanha o foi. Era impossivel lutar só contra todo o Brasil!

Que S. Paulo, a grande officina, volte ao trabalho!

O PAULISTA VENCEDOR NÃO SERIA MAIOR DO QUE O PAULISTA VENCIDO!...

* * *

Quem escreve este livro é medico.

Aqui está sua alma. Aqui está seu character. Aqui está gravado o cunho da sua profissão.

O medico ouve do doente os factos mais disparatados, os symptomas mais complexos, e, dahi, tira uma conclusão, firme e segura, que serve para o diagnostico.

Eu ouvi os oradores, li os jornaes, presenciei a fuzilaria da Praça da Republica, saudei os batalhões patrioticos, comprei capacetes de aço, fiz parte da

«Campanha do Ouro», e, parti como soldado.

Eu vi os combates, os assaltos, o bombardeio e os retirantes!

Eu senti o medo e o heroismo da guerra! Passei fome dias seguidos, fiquei sem dormir, repousei na chuva e na lama, o firmamento por tecto e o orvalho por coberta!

Houve momentos em que a minha vida valeu menos do que um trapo sujo!

Eu fui prisioneiro da dictadura. Estive asylado no Estado maior do 9.º R. I. do Rio Grande do Sul, em Lorena. Privei com officiaes das mais altas patentes e com soldados. No meio delles escrevi este livro. No meio delles concertei uma pianola velha, na casa do Dr. Arnolpho Azevedo, onde morávamos, e pôde dar um concerto de musica classica.

Cito factos e nomes para provar que eu vi. Si não tivesse visto, não seria capaz de escrever este livro. Facil para aquelle que possúe as scenas gravadas no intimo, é uma tarefa impossivel para quem não as viu.

—Eu tenho autoridade para fallar da revolução de S. Paulo!

E della fallarei a meu modo—com franqueza e de coração aberto.

Com isenção de animo narrarei as bravuras e contarei as miserias. Cada um tome para si a parte que lhe couber.

* * *

Meu estylo e minha maneira de escrever póde ser ruim—mas é meu.

Dr. LUIZ VIEIRA DE MELLO

Lorena, 5-10-32. Quartel do 9.º R. I. do Rio Grande do Sul, onde estou detido para averiguações.

Ordem do dia do Capitão Saldanha, lida uma hora antes de desencadear-se a batalha de Guará, a maior que haveria na America do Sul.

A 2 de Outubro corrente o sr. capitão Saldanha, leu perante os seus commandados a seguinte ordem do dia :

«Meus camaradas :

Commando-vos desde 23 de Agosto. Batalhão com soldados de todas as origens bem representaes o nosso Exercito Constitucionalista. Civis, Exercito e Força. Elementos de todas as armas. Filhos de todos os Estados. Crianças, adultos e quasi velhos.

Tenho o orgulho de afirmar: não existem melhores soldados do que os meus. Passastes fome e frio. Fizestes longas caminhadas curvados ao peso do material

que nos haviam confiado. Resististes á acção de todas as armas que contra nós foram empregadas. Longas noites não dormistes para garantir em Cannas e Embahú a retirada da nossa D. I. O. Toda a vossa saúde se esgotou. Mas, em momento algum, deixou de existir á bravura inegualavel e a confiança na Justiça da causa que ainda hoje encontro em vós.

Ninguém seria capaz de vencer o batalhão como em nenhum combate o venceram. Mas existem factos cuja evidencia não posso esconder e que me obrigam a dolorosamente confessar uma derrota momentanea. Não vos dominaram as armas inimigas. Mas não é possível resistir á traição dos proprios companheiros.

S. Paulo foi trahido por aquelles que tinham a missão de defendel-o. A Força Publica, pelas suas mais altas patentes, dirigiu-se ao commando adversario á revelia do governo paulista e, o que é mais grave, contrariando a vontade expressa do povo brasileiro.

Nego ao commandante geral da Força Publica o direito de entrar em accôrdo com o governo que declarámos fóra da lei. Reputo um crime de alta traição, a obediencia ás autoridades chamadas federaes a quem combatemos, de armas nas mãos, como nefastas aos interesses da Patria Brasileira.

Meus camaradas.

Ainda estão quentes os cadáveres dos soldados cahidos durante a lucta de quasi noventa dias. Cheios de lagrimas ainda estão os olhos dos orphãos, das viuvas, das mães e das irmãs paulistas.

Que satisfação lhes daremos quando nos interrogarem?

Soldados do meu batalhão.

O vosso commandante não será um trahidor. Ha de olhar com tranquillidade do dever cumprido para os camaradas invalidos e para as familias dos que morreram. Ha de continuar luctando pelos ideaes dos que se sacrificaram. Ha de combater os inimigos de hoje, assim como os trahidores que escondem a propria covardia debaixo da farda gloriosa do soldado paulista.

Não sei se me será possivel continuar a lucta armada no momento. Fal-o-hei se encontrar recursos para tal. Mas em qualquer hypothese permanecerei fiel aos ideaes de S. Paulo, dentro da lei ou fóra da lei. Só a morte me arrancará da guerra sem quartel que me proponho. Porque nem a prisão, nem a miseria, nem o exilio, serão capazes de me afastar da unica directriz digna de nós todos, o combate até a victoria integral.

Até breve, meus camaradas. Ainda reconstituiremos o nosso batalhão. Mas não será para obedecer ás ordens de quem não é digno de dal-as. Será para dictar aos inimigos a vontade do povo e dos soldados brasileiros, e principalmente, para punir os infames trahidores que mancharam de lama o mais bello movimento civico da historia da America.

REYNALDO SALDANHA
commandante

CAPITULO I

O titulo deste livro

O titulo deste livro, encontrei-o no assalto que fizemos á fazenda Emboabas, situada duas leguas para cá de Lorena.

Estava cahindo a tarde. Um mensageiro veio avisar-me que nosso commandante cahira prisioneiro, quando, em um reconhecimento, avançára demasiadamente.

Nossa tropa, antigo batalhão de assalto da Força Publica, que, em reconstituições successivas, fôra se transformando em uma especie de legião estrangeira, era constituido por unidades variadissimas, pertencentes a diversos corpos, sob o commando do capitão Reynaldo Saldanha.

Brava gente que nunca engeitou combate! Foi sempre a primeira a entrar em fogo e a ultima a cerrar a retirada! Bem applicado o nome de Batalhão de Ferro, com que, aos poucos, ficou conhecido na tropa constitucionalista!

Nesse batalhão figurei como primeiro

tenente, directamente ligado ao Posto de Commando, e com attribuições serissimas. Era chefe do material bellico, reparador das armas automaticas, carregador de granadas, distribuidor da munição. Fui sub-commandante de companhias destacadas do grosso da tropa para missões em localidades differentes, e, commandei comboios de carros nas retiradas effectuadas.

Privando directamente com o capitão Saldanha, nelle reconheci o commandante de tropa, valente, correcto e de uma competencia a toda prova. E' digno de menção o intendente geral Dr. Camara, medico, modesto e bom, cujos trabalhos foram inestimaveis.

Todos, sem excepção, officiaes e soldados, admiraveis! E' com honra que me recorde ter pertencido a esse batalhão.

—Nós tinhamos recebido ordens do P. C. para atacar a fazenda Emboabas. De automovel, nosso commandante, corria o terreno, afim de o conhecer. Ao chegarmos a um pasto limpo, onde deixámos o carro, fomos immediatamente advertidos de que uma metralhadora inimiga dominava o terreno. Não tivemos tempo de retroceder. Uma saraivada de balas despenhou sobre nós e foi com acrobacias e contorsões de toda sorte, que pudemos

fugir ao metralheiro que nos caçava.

Só quem já esteve nessa situação sabe avaliar quanto é preciso de habilidade e sorte para se poder escapar!

De retorno, enquanto eu voltava em busca de granadas, seguia o capitão, acompanhado de officiaes, para novos reconhecimentos. Inesperadamente encontram um grupo de sentinellas avançadas. Param o carro e indagam:

—A que tropa pertencem?

—Ao Regimento Escola de Villa Militar
—foi a resposta.

Era o inimigo. Impossivel reagir para não perturbar o ataque a executar. Subtilmente esgueirou-se o capitão, enquanto os outros officiaes enganavam as sentinellas, dizendo-se officiaes de ligação mandados de Lorena. Um delles tinha escripto no capacete: «Tudo por S. Paulo». Reconhecidos como inimigo, foi a fuga rapida para o matto. Ficaram presos o tenente Melchior, da nossa artilharia, o motorista e um sargento.

Um soldado, que de longe assistira a scena, veio avisar-me ter ficado prisioneiro o nosso commandante!

Reuni a tropa e partimos para buscal-o, sem indagar a quantidade de inimigo que iriamos encontrar! Ainda hoje este acto

de valentia collectiva arrepia-me a pelle de orgulho!

Grande foi nossa satisfação ao encontrar-o nas proximidades da fazenda. Não distávamos do casarão central mais do que oitocentos metros, escondido atrás de um morro.

Rapidamente foi combinado o assalto. O capitão Saldanha, acompanhado do tenente Renato, seguiu pelo flanco direito. Eu, juntamente com o tenente Severino, segui pelo esquerdo. A frente foi dominada por uma metralhadora pesada. Ficava ao inimigo a retaguarda, que trataríamos de cortar por um envolvimento rapido dos dois flancos.

A manobra habil não foi, entretanto, completada, dado o numero insignificante de homens de que dispunhamos. Eramos oitenta e seis—e hoje, que conversei com os homens que ataquei, sei que eram duzentos e cincoenta os que estavam na fazenda!

Inconsciencia, dirão.

‘Não, responderei. E’ uma verdade de guerra, que agora compreendo, que a tropa surprehendida de assalto é sempre tomada de panico, qualquer que seja o effectivo de que disponha. Muitas vezes tal nos aconteceu e nós fugimos desordenadamente, sem nada indagar nem reagir.

E' o instincto que zela pela vida e transforma a energia pensante em força muscular a dispender-se na carreira desabalada. Não é covardia, porque, a mesma tropa que corre, assim que se reúne algumas centenas de metros, longe do perigo, volta a raciocinar, e a besta é conduzida para trás pelo homem valoroso e vae arrebeitar-se nas durezas do combate!

“Tu trembles, carcasse, mais tu tremblerais davantage si tu saurais où je vais te conduire.”

O capitão Saldanha deu alguns tiros de inquietação. O inimigo, suppondo alguma patrulha, dispoz-se para recebê-la. Deitou-se pelo campo limpo, atrás de cupins, nas margens da estrada que fazia parapeito para os tiros, em um vallo fundo ao lado do casarão. E ficou inteiramente descoberto para o nosso flanco, do qual nada esperava. Tinhamos inimigo fácil de matar a cincoenta, cem e duzentos metros.

O nosso flanco direito rompeu o ataque. O inimigo respondeu. Nós, de improviso, abrimos fogo do lado esquerdo.

Foi um Deus nos acuda! Rajadas de fuzil metralhadora, fuzilaria e granadas de fuzil! Quem pôde fugiu, outros ficaram encurralados, e, no chão, corpos attestavam a brutalidade do fogo.

Começou, então, a caçada aos encurra-

lados. Atráz de um cupim, um homem defendia-se valentemente. A poeira levantada pelas balas fazia pequenas nuvens em volta d'elle. Como uma cobra, esgueirou-se para um buraco e, ahí, a metralhadora lavou o chão de balas.

Não tornou a sahir. Era mais um bravo que tombava. Como esse vi centenas, de lado a lado!

Dentro do vallo um tenente dava ordens de commando. A metralha rugia e as granadas estrondavam.

Desci sósinho por um capinzeiro em direcção á estrada e fiquei em situação de poder varejal-a da ponta á cauda. E' um habito meu combater só. O homem isolado toma melhor posição, esconde-se facilmente, faz optimo tiro de caça, não é visado pelas metralhadoras que o não descobrem, e, cercado, póde escapar ou manter-se escondido até poder fazel-o.

Dois homens passaram ao alcance do meu mosquetão. Um levou um tiro no peito e cahiu de bruços. Outro, attingido na barriga, achatou-se como um sacco vazio.

A cem metros um homem gritava:

—Vicente, traga o pente do F. M. Passa uma rajada no morro!

Era lá que eu estava.

Dois soldados, loucos de terror, apparecem, correndo e gritando, e se enfiam pela metralha. Tambem ficáram. Eram dois soldados que ha dias vagavam inteiramente allucinados e que corriam para o tiroteio, querendo fugir d'elle, como as mariposas correm para a chamma onde encontram a morte!

E o homem continuava a gritar ao Vicente pelo pente do F. M.

Varias vezes o pobre Vicente ensaiou obedecer. Varias vezes minhas balas bateram proximo, até que, afinal, ao tentar passar de um para outro lado da estrada, ficou atravessado na mesma.

E' triste fallar-se assim. Mas na guerra quem não mata é morto!

—Bandido! gritou o companheiro do Vicente.

—Rapaz, retorqui. Renda-se, senão está perdido.

—Rendo-me. Deixa ir buscar a moamba.

E este homem, verdadeiro soldado, sabido e corajoso, abandonou o esconderijo, onde apenas apparecia a ponta negra do capacete, e, de corpo aberto, começou a andar como se estivesse passeiando despreoccupadamente por uma rua de cidade. Elle sabia, porém, que a minha pontaria e a de outros homens estava firme nas suas costas.

Desconfiei. Tive impetos de disparar. Mas, a matar um prisioneiro á trahição ou a deixar escapar um inimigo, preferi o ultimo.

O homem, assim que passou no lugar onde estava um fuzil metralhadora, deu um pulo para dentro. Cinco nuvenzinhas de pó marcaram o lugar das pontarias.

Não soára a sua hora. E' o fatalismo da guerra que nos faz andar nas trincheiras, livremente, não nos abrigando durante o bombardeio. Quando nosso dia chegar, a morte nos irá buscar, cobertos ou descobertos.

Vi o homem empunhar o F. M. Chegou a minha vez !

Durante todos os combates poucos são os minutos em que verdadeiramente se percebe a morte. Ella anda por todos os lados. Ha, porém, e quasi sempre, um instante em que a sua mira nos aponta, como em uma sala escura de theatro, a lanterna descobre, um a um, os espectadores. E' o momento critico da refrega. Não fôra elle e ninguem morreria.

Rapidamente abriguei-me. Era difficil, pois tinha o morro pelas costas. Encontrei uma pequena «encoche» onde cabia metade do meu corpo. O resto ficou de fóra. E cantou o F. M.

Ainda sinto no meu rosto o calor das balas que passaram e o ronco da rajada a meio palmo do meu ouvido.

Deu varias rajadas. Fingi de morto. Logo depois procurei mexer-me. Mais rajadas.

E uma eternidade passou! No relógio, entretanto, só quinze minutos haviam decorrido.

Escurecia e pude sahir. Corri os olhos a procurar os companheiros. Todos continuavam na orla do matto atirando sem cessar.

Eu tinha mandado quatro homens do Batalhão Bento Gonçalves vigiar o tópe do matto, afim de evitar que fossemos envolvidos. Estes homens nunca tinham combatido, e, provavelmente, esconderam-se de tal modo que não viram o inimigo cercar-nos. De pé, eu estava procurando ver si o capitão Saldanha já se havia retirado, quando uma voz, atrás, intimou-me tranquillamente:

—Renda-se, Paulista!

Voltei-me. Um homem, meio encoberto pela folhagem, apontava-me o F. M. a menos de quinze metros.

Senti-me estúpido. Tinha um sacco de granadas, um mosquetão e um facão. E isto de nada me servia. Ao menor gesto receberia toda a carga no peito.

Um companheiro, do alto do morro, para salvar-me, atira uma granada, gritando:

—Abaixa que lá vae mécha!

O homem do F. M. abaixou-se, eu também, e, ao estourar a granada, atirei-me por um rasgo de uns três ou quatro metros de altura. Caí sobre um pau e até agora tenho nas costas uma ferida do tamanho de uma cabeça de creança.

Corremos todos. De longe vi dois homens arrastando qualquer cousa. Pareceu-me uma metralhadora pesada.

Era, porém, um nosso ferido que tivéramos a coxa quebrada por um tiro. E lá veio elle puxado pelas pernas, morro abaixo, aos trancos, como si fôra um pedaço de pau. Mais tarde, ao cural-o, vi que a sua perna podia até ser amarrada nas costas. E o homem chorava, gemia e implorava, como qualquer creancinha.

E' uma outra verdade da guerra. O homem que combate, com raras excepções, leva sempre a esperança de que nada lhe acontecerá. O soldado é inconsciente como um garoto. Assim, porém, que sente o sangue correr pela pelle, por mais insignificante que seja o ferimento, tem a noção do perigo, grita, chora e chama pela mãe!

Vi soldados, leões no combate, a ber-

rar porque tinham sido feridos. Ao examinal-os, a bala ou a baioneta só lhes passára de raspão. Logo que sabiam não haver perigo, immediatamente de pé, bravateiros, jocosos, promptos para novo embate.

Valentes soldados deste Brasil, como eu vos admiro!

—Foi esse para mim o momento mais grave desta campanha. Nelle senti que a vida que eu devo a minhas filhas, para criá-las, a minha mulher doente, que eu deverei manter, e a pessoas que me são dilectas e que dependem inteiramente de mim, estava para ser dada pela causa de S. Paulo.

—Renda-se, Paulista! Ainda ouço o timbre de vóz do homem do F. M. e do outro homem do F. M., companheiro do Vicente. E' possível que nunca mais consiga esquecel-os.

E como eu, outros ouviram o

—Renda-se, Paulista!

Menos feliz, o capitão Nicolino, cercado pelo inimigo, gritou:

—Paulista não se rende! E cahiu varado de balas.

Tivémós quatro mortos. Entre elles o sargento Capistrano, barba meio branca, bom e sincero. Sempre tivéra medo de ir

ao assalto. Aquelle dia, pela primeira vez, pedira-me para seguir. Lá ficou com um tiro na testa, que lhe fez pular fóra o olho direito. Outro, um cabo, rapaz sympathico e valente, tinha um diario bem escripto. Como elle adorava a Maria com quem se ia casar. E como tinha medo de morrer, confessava no diario! Tambem ficou, estertorando, com um tiro na barriga. Os outros, anonymos, como centenas de companheiros.

Povo da minha terra! Quando algum dia, nas horas de felicidade, conhecerdes um Brasil melhor, levanta e os olhos e dae um pensamento do coração aos bravos, de ambos os lados, tombados no campo da lucta e que lá ficaram para os urubús e as formigas!

CAPITULO II

Porque S. Paulo entrou na lucta

Não quero discutir os pormenores que antecederam a declaração da guerra feita por S. Paulo á dictadura. Até hoje, e já são passados dezoito annos, discute-se quem foi que provocou a guerra européa. Livros e livros foram escriptos. Generaes fizeram suas memorias—Galliéni, Foch, Von Kluck, o imperador Guilherme e o Kromprinz.

Cada um apresenta as suas razões perfeitamente acceitaveis. E' que cada um adapta a questão ao seu caso, como cada observador accommoda o binoculo para a sua visão.

Aliás, tudo é relativo no mundo. Já Einstein provou pela sua complicada theoria da relatividade, que a linha recta não é a distancia mais curta entre dois pontos. Assim tudo na vida. O homem que hoje é valente, amanhã é covarde—hoje honesto, amanhã póde ser ladrão—pacífico agora, logo assassino.

O respeito e a admiração ao pae não devem provir da simples razão d'elle ter produzido o individuo, mas, sim, pelo sacrificio e devotamento que empregou em criá-lo e formal-o.

Patria não é o lugar onde nasce o homem, mas, onde elle vive bem e feliz, vendo mantida a ordem e respeitados os seus direitos. Póde ser uma nação, um estado, uma casa ou a sombra de uma arvore.

Diogenes fez de um tonel a sua Patria, e, dali, olhou o mundo e desprezou-o — viu os homens e riu-se das suas acções e do seu orgulho idiota. Ao monarcha, que o tentava seduzir, com promessas de riquezas e honrarias, pediu que lhe não tirasse o que lhe não poderia dar—o raio de sól que o estava aquecendo.

Eu costumo não acreditar em nada, pois tudo o que os homens dizem e fazem é mentira e falsidade. Para mim é mentira a Patria, a Familia, a Religião—convenções humanas; o Amor, a Dignidade, a Honra—sentimentos humanos. Meu lema na vida é «Só confiar em mim, ás vezes.» E isto é verdade.

A patria convencional, estabelecida pelos homens, não é o Universo que é a patria commum, mas um pedaço de chão que o homem determinou. Assim, o meu

vizinho, que é bom, correcto e amigo, será morto por mim, amanhã, si a minha Patria julgar-se offendida e fizer a guerra. E a cerca que nos separa fica motivo bastante para que eu esqueça a sua bondade, correcção e amizade.

E não falemos de mais nada—ainda é muito cedo para isto. A mentalidade de turco, que enche a cabeça do nosso capitalismo, urraria por todos os seus póros. O pudor e a timidez da nossa burguezia, pacata e tradicional, se offenderia até a medulla.

Duas causas produziram a guerra de S. Paulo—o tenentismo e os politicos.

A situação de S. Paulo vinha agitada de longa data. Desde a quéda do governo paulista inicial, creado em 1930, succedeu-se a politica de posições, especie de guerra entre o Partido Democratico e os interventores militares enviados pela dictadura. Estes interventores foram mandados, de boa fé, por Getulio Vargas, com o intuito de acalmar as queixas, surgidas immediatamente, de que o Partido Democratico estava perseguindo o Partido Republicano Paulista.

E' provavel que qualquer um delles fosse bom, sufficientemente. Mas, onde ha honrarias e dinheiro a ganhar, é como o osso no meio dos cães—mordem-se logo.

Os homens não são diferentes dos cães!

De lado, o P. R. P., que era o dono das posições desde a proclamação da República, despeitado, raivoso, mas cauteloso como todo politico sabido, espiava a que-rela, só esperando a oportunidade para tirar partido da situação. Era o germen que aguardava o bom momento para produzir a fermentação desejada.

O tenentismo. Ninguém nega o valor e o direito dos tenentes que no exilio cur-tiram privações e sofrimentos. O tributo de admiração que o povo lhes devia é incontestavel. Deveriam continuar sempre como guardas vigilantes do Brasil, para que os maus politicos não fizessem delle uma barca de proveitos e compensações mutuas.

Mas, dahi a entender que, por serem soldados valorosos, seriam tambem finan-cistas, administradores e governadores, vae a distancia que existe entre um bar-beiro querer ser cirurgião. A carreira de estadista depende de uma vocação espe-cial como qualquer profissão liberal. Não é pela simples razão de possuir-se um diploma que se póde ser um bom enge-nheiro ou advogado. Não é pela simples razão de ter-se uma farda que se é um guerreiro. Assim, não é pela simples ra-zão de querer-se governar que se é go-vernador.

Foi o que aconteceu. Juarez Tavora que fôra um bom soldado, perdeu-se em tolices de entrevistas collectivas. Pedro Ernesto, optimo medico e grande revolucionario, mátoou-se em picuinhas e pirraças infantis. Nasceu o Clube 3 de Outubro, isto é; nasceu a politica do tenentismo!

Politica no Brasil é tudo o que é ruim —é uma lama feita de miserias, baixezas, falta de patriotismo, em pról do beneficio proprio. A camarilha julga-se dona de tudo. O resto é a multidão besta e desprezivel. Excepções rarissimas temos tido de politicos honrados e dignos.

E começou a politica. O osso era S. Paulo, terra de dinheiro e prosperidade. Os cães, o P. D., o P. R. P. e o tenentismo. Foram mordidas, mostrar de dentes, rosnidos á socapa, todos de olho attento para que o osso não fugisse. E S. Paulo, o pobre sacrificado, a pular de bocca em bocca, e a sentir a força das dentadas que lhe arrancavam os boccados fartos e remuneradores.

Dahi a fermentação e o povo inquieto a sentil-a e a não perceber de onde partia o golpe. Comprehendia-se que era preciso um governo nosso, isto é, um governo de gente que, independente, não se filiasse a estes três partidos, e tivesse interesses directos, para zelar, com patrio-

tismo e entusiasmo, pela organização de S. Paulo. Getulio Vargas não soube sentir isto. Não poderia mesmo, porque a ligação que havia entre o dictador e S. Paulo era o tenentismo, partido directamente interessado na disputa do osso.

Veio o 23 de maio, feito pelo povo inflammado, do qual o P. D. e o P. R. P. aproveitaram-se logo para querer derrubar o tenentismo, o que estava com o osso no momento. E a resposta tambem veio logica e clara. O tenentismo, representado pela Legião Revolucionaria, rompeu a fuzilaria da Praça da Republica, creando o M. M. D. C.!

Estava começada a guerra. O povo, irritado com a morte dos paulistas, culpou o dictador que mandára os tenentes. O P. R. P. e o P. D. açularam a multidão. Sahiram os oradores dos dois partidos a discursar pela praça publica. Falou-se que o dictador queria esmagar S. Paulo! Que a Constituição marcada não viria, porque Getulio Vargas era o despistador! Que elle estava preparando um golpe para derrubar o governo Pedro de Toledo! Que era preciso fazer a guerra antes que elle nol-a fizesse!

A guerra de S. Paulo começou no dia 23 de Maio—o 9 de Julho foi só o dia de pegar em armas.

Houve tambem um conchavo com os

políticos de Minas e do Rio Grande, ligados ás frentes unicas. Os políticos são demasiado covardes para brigar sósinhos! Costumam jogar na certa!

Estes homens, porém, com a mesma facilidade com que combinam, também descombinam. Basta que o interesse offerecido seja maior do outro lado. E estes bandidos não tiveram consciencia de atirar irmãos contra irmãos, em uma guerra que fariam S. Paulo, Minas e o Rio Grande contra o dictador.

O osso era maior pois entrava a disputa de S. Paulo e do governo federal. Aliás elles não perdiam nada. Quem combate é o povo. Quem morre é o soldado. Os mutilados, as viúvas, os orphãos, que fossem para o diabo, desde que não fossem elles, os seus filhos e protegidos. Eu desafio o politico que me prove ter combatido no fogo, no corpo a corpo, no bombardeio.

Discursos para todos os lados, disticos lindos—«Vencer ou morrer!». «Tudo por S. Paulo!». «Aguenta e o fogo que a victoria é nossa!». Bôa verdade, nós aguentavamos o fogo, mas a victoria seria delles.

Os políticos, soldados brancos da revolução, longe do *front*, seus filhos *attachés* dos quartéis generaes, de quando em vez, um discursozinho nas linhas de frente para enthusiasmar os trouxas. Como si o

homem da guerra fizesse questão de mais alguma coisa na vida!

Todo o mundo partiu. Eu, que sabia que tudo era mentira e tinha certeza que tudo era assim, também parti.

Porque? Costumo fazer cousas cuja razão não comprehendo. E' bem conhecido o adagio:

«A razão costuma dar razões que a propria razão não entende.»

* * *

Rio, 25 (Da nossa succursal — pelo telephone) — O general Alvaro Mariante, commandante da 1.^a Região Militar redigiu a seguinte ordem do dia constante do Boletim Diario n.º 288 de 24 de Novembro de 1932. — 1.490.

Segue-se um additamento com a nota indicativa da recommendação e em que ella se desenvolve.

“ — Infelizmente — diz esse additamento — a experiencia alheia que não quizemos explorar e a nossa tão caramente adquirida tem demonstrado com sufficiente clareza quão desastrosa tem sido a actuação de militares no scenario politico do Brasil, no qual a ultima decada é o mais palpitante exemplo. Não podemos deixar de contar entre as causas geradoras da revolução paulista essa intromissão contra indicada dos militares na politica que acarretou entre outras consequencias lamentaveis a perda e o afastamento de varios camaradas, muitos delles elementos preciosos do Exercito pelos seus dotes profissionaes. O extremismo de uns provocou a reacção de outros, não obstante todo o esforço sincero das nossas altas autoridades em resolver por meios suasorios a situação então creada.”

(Folha da Manhã, 26-11-32)

CAPITULO III

O que eu sei depois da guerra

A derrota de S. Paulo era inevitavel desde os primeiros dias da lucta. S. Paulo, trahido pelos politicos do Rio Grande e Minas, viu-se sósinho contra a União. As intentonas promovidas por Arthur Bernardes, por Borges de Medeiros, e pelos alliados do Pará e da Capital Federal, não passaram de brinquedos rapidamente sufocados pela dictadura.

Borges de Medeiros levantou-se no Rio Grande do Sul e conseguiu reunir duzentos homens, immediatamente derrotados por um batalhão de provisórios. Arthur Bernardes não offereceu resistencia e foi preso em uma cabana, inteiramente só!

Estes homens procuraram cumprir o pacto combinado, mas confundiram prestigio politico com prestigio militar. Em geral, o povo prefere brigar ao lado da lei, isto é, do governador do estado. Por esta razão, em 1930, o Rio Grande veio em peso com Getulio Vargas.

E' um resto do atavismo que prende o homem da cidade ao caboclo. No sertão, qualquer soldadinho reduz á impotencia o cabra mais sarado e respeitado pelos companheiros. E' só ter kepi e espadim !

Os outros estados, que estavam fóra do ambiente fermentado de S. Paulo, não compréhenderam, como não podiam comprehender, o seu gesto, levando o Brasil a um sacrificio de vidas e de economias, em uma epocha tão impropria, quando a Constituição já havia sido marcada. A attitude de S. Paulo, não querendo esperar e exigindo uma constitucionalização immediata, pareceu aos outros estados uma affronta de cidade nobre, ou uma audacia de irmão rico, menosprezando os pobres.

Em verdade, porque a revolução ?

S. Paulo pedira a lei eleitoral e obtivéra a promulgação da mesma. S. Paulo exigira uma data para a restauração do regimem constitucional e conseguiu-a. S. Paulo impoz um governo paulista e civil e este lhe foi concedido. S. Paulo pleiteou a substituição do commandante da Segunda Região Militar e foi attendido.

Fallou-se em separatismo. (*)

(*) A idéa de separação não veio a 9 de Julho mas veio no meio da lucta. Nós não podiamos comprehender como nossos

Não só a tropa regular de todos os estados do Brasil compareceu ao lado da dictadura, como também, voluntarios apresentaram-se, em todos os lugares, para combater S. Paulo. E não se diga que foram os flagellados do Nórte ou os jagunços do Sul!

Escrevo este livro, dentro do Quartel de Lorena, junto á tropa do 9.º R. I. do Rio Grande do Sul, onde estou detido para prestar declarações. Antes de vir para cá, estive com os officiaes que combati no morro do Canhão, em Villa Queimada, por elles chamado morro da Compoteira. Contámos juntos os mesmos incidentes, o mesmo medo; lastimámos os mortos.

Somos irmãos de guerra, inimigos no *front*, mas nos estimamos na retaguarda. Si daqui a uma hora, estivessemos de novo na linha de fogo, eu os mataria, um a um, si pudesse!

O guerreiro de verdade não mente nem conta basofias. E' simples e limpido como a água. Nos seus olhos ha um brilho se-

irmãos nos atacavam quando pleiteavamos uma causa de todo o Brasil—a Constituição!

Disse, então:

—Nós queremos a Constituição e por ella nos atirámos á guerra. E' tudo pelo Brasil! Mas estes homens não querem. Os outros estados nos atacam. Pois bem. Fiquem para lá com a dictadura e nós ficaremos para cá com a Constituição.

Qualquer um pensaria assim, não acham?

reno, na barba hirsuta uma nobreza varonil, na roupa suja uma distincção sem par! Creio no homem que combati nas trincheiras, como não creio em cousa alguma no mundo.

Quem está longe da guerra não entenderá isto, mas é verdade. Que o digam todos os que leram Remarque em «Nada de novo no front». Tudo aquillo que nos parecia impossivel; exagero, tudo aconteceu.

A guerra européa pode ter tido mais material, mais gente; mas a defeza é proporcional ao ataque. Si elles usavam mil canhões em Verdun, tinham tambem abrigos, verdadeiras cidades subterraneas, junto aos quaes os nossos pareceriam ridiculos. Basta affirmar que nem um só desses abrigos resistiu a um tiro de canhão 120. E debaixo delles estavam soldados paulistas que soffriam simultaneamente ataques de 120, aviação e infantaria!

Tenho photographado em minha memoria o espectaculo que presenciei, quando o inimigo assaltou a trincheira do morro do Canhão. Foi á tardinha. Os aviões inimigos mariscavam por toda a parte. De vez em quando uma bomba era lançada. Atráz da cozinha, occulta em um cavão do morro, elles atiraram tres. Em outro

morro fronteiroço, onde se escondia a nossa artilharia, varias bombas foram jogadas, procurando destruil-a. Os flancos, onde Paula Souza assentára suas bombardas e de lá arremessava granadas contra o inimigo, distante oitocentos metros, eram tambem visados pela aviação.

Eu, deitado a beira de um brejo, concertava uma metralhadora. Commigo estava o tenente Camargo, entre outros, official dentista e pagador da nossa tropa. Bom rapaz, mas não gostava muito da guerra! Notei no seu semblante a insegurança do medo. Comecei a pontificar.

Rapazes - Attingir um aeroplano com uma metralhadora é cousa difficilima. Tenho tentado isto dezena de vezes. Imagem agora, que elle está no ar, movendo-se rapidamente, quasi não nos divisa, bem escondidos como estamos. O brejo é o melhor lugar do mundo para se abrigar de aeroplanos. A tabúa cobre o individuo do metralheiro e a bomba que cáe não explóde por não encontrar resistencia. Si ella bater ao lado do brejo os estilhaços passarão sobre as nossas cabeças.

E ficámos deitados em cima de excrementos semeados pelo chão. As bombas e a metralha estrondavam soturnamente. Eu tinha mais medo do que elles! Eu sabia o perigo! Escondêra caixas e caixas

de granadas, minas explosivas, tiros de bombardas, em buracos feitos nas margens do pantano. Si, por azar, um estilhaço atingisse uma das caixas não nos sobriaria nem a alma!

Levantei-me, e, fui experimentar a metralhadora concertada, em uma trincheira que vigiava a estrada franqueada ao inimigo.

Subitamente o inferno! Os aviões derubaram tudo quanto foi bomba e metralha sobre as nossas trincheiras. Tres delles ao mesmo tempo! Uma chuva de granadas, shrapnels, bombas incendiarias, arrebeitou por cima de nós. As balas zuniam como si milhões de passarinhos pipilassem nos nossos ouvidos. O barulho era ensurdecedor! A terra atirada sobre nós, as rajadas de metralhadora serrando a crista das trincheiras a um palmo das nossas cabeças. Um tiro de canhão 120 explóde na trincheira e leva pelos ares uma metralhadora, quebrando-lhe o cavalete. As granadas espoucam tremendamente, levantando vagalhões de poeira e vomitando cacos de ferro em fogo! As arvores são cortadas como canas e o sapé está em chammas. E centenas de corações, encostados ao solo, pulsam desordenadamente em um mixto de medo, rancor e estoicismo! E centenas de ouvidos, no meio da tempestade ensurdecedora, a-

guardam sómente a voz de commando que ordenará a réplica de fogo!

Repentinamente, o grito da sentinella:
—O inimigo está na cerca!

Então a nossa gente, que até aquelle momento não déra um tiro, que supportára esse martyrio sem se mover, sem despregar os olhos da setteira, sem que a sentinella, protegida pelo sacco, descuidásse a guarda, á voz de fogo, retruca valentemente, em um pagamento de balas, granadas, metralha, bombardas e shrapnels. O inimigo, preso na cerca, cahiu aos magótes, levantou, tornou a cahir, escabujou, urrou, insultou, mas teve que retroceder! Os bravos soldados de S. Paulo haviam rechassado mais um, das centenas de assaltos que toda a frente constitucionalista soffreu!

Pois estes homens, irmãos de guerra, affirmam-me que o voluntariado da dictadura, constante de estudantes, profissionaes, trabalhadores, de todos os estados de Nórte a Sul, não foi inferior a trinta mil homens. (*) A tropa regular, de que a

(*) Dados obtidos com segurança em Lorena permitem-me afirmar que só o Rio Grande do Sul deu quarenta corpos de provisórios por nós chamados voluntarios, isto é, cerca de desesseis mil homens. Minas Geraes forneceu nove mil voluntarios, Alagoas tres mil e seiscentos, Bahia seis mil, Parahyba quatro mil e quinhentos, Pernambuco cinco mil. Alguns estados offereceram corpos de voluntarios que não chegaram a partir por desnecessarios.

dictadura dispoz, orçou de vinte e cinco a trinta mil homens. Total, cincoenta e cinco a sessenta mil homens, tanto ou mais do que S. Paulo dispunha.

Não confundamos alistamento de papel com a apresentação nos quartéis para o serviço da guerra. S. Paulo pôde ter dado cem mil alistados, mas, pergunto eu:

—Quantos seguiram para as frentes? Quantos realmente combateram nas linhas de fogo?

Respondo immediatamente:

—Dos cem mil homens alistados, cincoenta mil pegaram em armas e trinta mil combateram de verdade. Creio também que da dictadura só trinta mil combateram de facto. Mas, estes homens estavam armados, tinham os portos livres, munição abundantíssima e automaticas ultra-modernas. Um tiro nosso era respondido com rajadas de metralhadoras. Nos combates, nossos soldados recuavam por falta de munição. Nunca tivémos dez cunhetes para reserva. E a nossa tropa era uma das barreiras méstras do norte!

Quando Pinheiros cedeu e Silveiras também, na vespera elles haviam abandonado as posições, toda a frente norte recuára e nós soffremos a offensiva inteira concentrada nas nossas posições.

Pois bem, eu como chefe do material bellico do Batalhão Saldanha, declaro que só tinhamos dois cunhetes de munição!

E a munição feita em S. Paulo era defeituosa. encravava nas automaticas que depois de algumas rajadas deixavam de funcionar. Só no fim da guerra a munição ficou satisfactoria.

Isso não desabona S. Paulo! Pelo contrario. Não é possivel fazer-se industria de material bellico de improviso.

Nos tres mezes de guerra S. Paulo transformou-se em uma verdadeira fabrica de armas e munições.

A Escola Polytechnica, esta cidade de gigantes, fez maravilhas, mas não lhe era possivel de inicio realizar o milagre dos pães.

Munição de fuzil, balas de canhão 75 e peças Schneider, bombas de avião, granadas de mão, bombardas de varios calibres, minenwefers, mascaras contra gazes, redes de arame, material de sapa e de pontoneiros, trens blindados e carros de assalto.

Tudo foi feito pelo paulista tremendo. A principio com a incorrecção das obras executadas ás pressas, e mais tarde tão bom como o material estrangeiro.

Nos ultimos dias da revolução até me-

tralhadoras pesadas já se construiam em S. Paulo, aproveitando o cano sobressalente das outras peças.

Isso só mostra que a revolução não foi preparada. Que os homens que atiraram S. Paulo á lucta pensaram que ella seria uma passeata que acabaria em choppada! Nada fizeram!

Verdade dura! Não tinhamos aviões, nem munição de canhão. Que adeantava valentia? O tiro de canhão 120 desmancha qualquer trincheira e o avião metralha e bombardeia longe de alcance. Acertar um tiro em um avião, a mais de mil metros, é qualquer cousa como acertar na loteria! E o inimigo nos bombardeava diariamente; seus aviões vinham aos tres e não nos perdoavam. Nós nunca tivemos um avião para responder, a não ser um dia, creio que por engano.

A covardia que muita tropa paulista demonstrou no fim, depois de dois mezes de lucta, era inevitavel. Os soldados não são blindados e a coragem que vae até ao sacrificio inutil é estupidez.

Tropas valorosas, como o 2.º B. C. P. da Força Publica, conhecidas como os heróes do Tunnel, e que de facto lá o foram, pois em massa déram cargas de baioneta nos bravos fuzileiros navaes que tambem as aguentaram, mais tarde,

em Cannas, correram de uma patrulha de cincoenta homens, sem mesmo chegar a vel-os, só porque o Contingente Saldanha deixava a frente para descansar. Depois, em Guará, aos primeiros murmúrios do armistício, ainda quando nada era positivo, abandonaram as posições e eu fui chamado ás pressas de Roseira, pelo Capitão Saldanha, para, junto com o grosso do batalhão, que se achava na serra das Cangalhas, vir cobrir a lacuna aberta.

E os jornaes só fallavam de victorias e victorias. Naturalmente porque não podiam dizer a verdade. As vózes sinceras que se levantaram, foram recriminadas e abafadas. Não derrotistas, mas ponderados, tentaram sustar uma lucta gloriosa, porém, desigual!

—Não clamo contra a guerra. Fui dos que propuzeram combater até o fim, resistir até S. Paulo desapparecer e com elle a sua população. Estive prompto para entrar em fogo até uma hora antes de terminar o prazo de recúo e só deixei o lugar, quando recebi ordens terminantes do meu commandante, para fazel-o. Que o digam meus companheiros; que fallem da attitude desassombrada que tomei, quando um grupo de soldados, pertencentes ao bravo batalhão Paes Leme, procurava, ás escondidas dos seus compa-

nhinhos, deixar a cidade de Guará, fugindo  lucta imminente e exterminadora que se ia travar. Seria uma chacina!

Podemos chamar de covardes estes homens? Não, mil vezes não. Elles não foram covardes, foram humanos. Tudo tem um limite na vida.

Há uma excepo para os idealistas. Os dezoito de Copacabana eram idealistas e morreram com a causa. Tivmos tambem os nossos idealistas. Adeante reserve um capitulo são para elles.

A apregoada falta de recursos financeiros da dictadura era um mytho. Aqui, em Lorena, estou neste momento assistindo ao pagamento de guerra do 9. R. I. do Rio Grande do Sul, feito pelo capitão Rosas. Tudo dinheiro velho, nada de emissão de guerra.

Os soldados, com que fallo, são unanimes em affirmar que nunca faltou dinheiro e munio!

Estes homens não suspeitam que eu os observe detidamente e os faço fallar.

Estou tão cansado da guerra que, o dia que pudr, não mais tocarei neste assumpto. Agora, entretanto,  preciso que eu saiba de tudo.

Não quero ouvir os guerreiros de gabinete. L geralmente nada falta. Quero ouvir o soldado, reproductor fiel dos acontecimentos e das acoes da guerra!

CAPITULO IV

A GUERRA

PRIMEIRA PARTE

Enthusiasmo inicial — Organizaçã bellica — Heroismo do Tunnel

Declarada a guerra, S. Paulo, inteiro correu para a lucta.

Na noite de 9 de Julho, ás tres horas da madrugada, meu irmão veio accordar-me para dar a noticia do levante. Uma hora depois, quando ia levar a nova ao nosso particular amigo Dr. Marrey Junior, foi, por engano, assassinado dentro da casa do mesmo. Foi a primeira victima desse dia. Com a morte d'elle soffri um dos maiores golpes da minha vida. Entretanto, hoje, vejo que isto não foi nada; depois do que presenciei.

Dia todo, homens accorreram para as armas. Technicos surgiram de todos os cantos. Donativos em dinheiro, material de guerra, gado, tudo emfim! Um pedido

feito era com fornecimentos entregues. As senhoras paulistas costuraram fardas dia e noite. Cozinharam para as tropas. Tudo o que se pôde imaginar de altruísmo foi cedido em prol da causa de S. Paulo!

Os batalhões seguiram debaixo de flôres. As mulheres corriam ao lado dos maridos e noivos. As mães procuravam occultar as lagrimas que lhes afogavam o coração. O soldado partia cantando, e, quando entristecido pela separação, não permittia que outros percebessem.

Nunca vi coisa igual! Foi por isto que, sceptico como sou, de repente me vi nas linhas de fogo. Clamei por todo o meu egoismo, por todo o conhecimento que possúo dos homens e das suas acções. Foi impossivel. Tive que ir.

Hoje reconheço que fiz bem. Si não tivesse ido, não saberia das coisas como agora sei, e, um remorso atróz me comeria a alma, suppondo que a minha covardia e a de outros iguaes pudesse ter causado a derróta de S. Paulo.

Em minha casa não ficou um objecto de ouro ou platina. Tudo foi dado e eu tambem. Assim, tenho autoridade para fallar—e a minha falla eu a sustentarei em qualquer terreno, porque eu vi.

Houve o choque. Os fuzileiros navaes

barravam a entrada para o norte. O 2.º B. C. P. da Força Publica, em uma arremettida brilhante, lança-se de baioneta contra o inimigo. Este aguenta firme, e, cáem valorosos soldados de lado a lado.

Tomam-se posições e começam os combates. As serranias do norte estremece-ram sob o canhoneio.

Durante a noite o espectáculo era hor-riavelmente lindo ! Crepitava a fuzilaria em todas as quebradas e o fogo vomitado pelas armas pyrilampeava na escuridão. Dentro das trincheiras, as sentinellas curvadas sobre os saccos, investigavam pers-crutadoras as sombras. Os soldados, dentes cerrados, temporas pulsando, mãos frias, fumavam silenciosamente um fumo que não sentiam. Só para fazer alguma cousa. Eu mesmo, que nunca fumei, não parei de o fazer dias e dias. E isto com cuidado, escondendo o cigarro na concha da mão, para que o fogo não denunciase o local.

Meninos afoitos, queriam avançar, mas os veteranos sabidos, a custa de cascu-dos, dominavam o impeto de louco sa-crificio !

A morte ronda a centímetros do indi-viduo. Uma cabeça mais descoberta póde ser um homem no outro mundo.

Aprende-se o zumbido das balas, o lan-

mento das granadas, o melhor geito de protecção. Tudo immediadamente. Ninguém precisa ensinar.

Alguem ensinou á oncinha que nasce, a morder, e á cobra tambem? Tudo é instincto! O homem na guerra perde a personalidade, Vem o bruto primitivo com toda a experiencia dos seus ancestraes. O desejo é matar para não morrer. O soldado que se póde ferir não é poupado. Tudo fica perdido no cerebro—educação, sentimentos de humanidade, religião. E' a lueta pela conservação da vida. E' preciso matar para não morrer!

Hoje, que vejo os homens que combati e converso com elles, quasi me admiro de que sejam meus semelhantes. O inimigo, no meu pensamento, era cousa para se destruir de qualquer modo. Era tudo, menos gente!

Lembro-me de que, quando fui estudar medicina, o meu unico e maior receio era não poder supportar os cadaveres. Depois, em poucas horas, estava habituado. A mim, sempre me pareceu que não eram humanos—pareciam bonecos de cêra.

Sou daquelles que admittem a guerra de destruição. Quando um povo não póde se fazer entender pelo outro pelas leis, pela razão e pelo direito, é obrigado a fazer a guerra. A guerra é á morte, a

destruição, o veneno, o gaz asphyxiante, o lança-chammas, o trem blindado, o microbio do tetano na gaze. Nada de cousas humanitarias. Não sejamos ridiculos. Humanidade é não fazer a guerra!

A revolta de S. Paulo espalhou-se por todas as fronteiras. O norte montanhoso era uma garantia para a defesa. Subir um morro desses, descansado e sem carga, é tarefa forte. Subil-o, correndo e carregando uma metralhadora pesada, é cousa que se não póde explicar. E a metralha que varre o chão como uma vassoura de aço! E a cerca de arame que segura o soldado! Alguem dos que me leem já passou uma cerca de arame farpado? Ella prende de todo modo. Imaginem agora, passar uma cerca de arame farpado, disposto em rolos, varejada pelo fogo. E o ataque, e o assalto! A baioneta que avança sinistra, o facão do gaúcho, a granada de mão!

Quem presencia um assalto, admira-se do impeto com que o soldado lança-se velozmente para o inimigo.

—Heróes! clama.

—Não.

Ha menor perigo proximo do adversario do que á distancia. E' mistér chegar-se antes que as metralhadoras, de fogos

cruzados, cortem como uma tesoura de balas.

Si os homens que combinam as guerras nellas entrassem, creio que não haveria mais guerras. Tenho certeza de que, si em lugar do povo, as contendidas armadas fossem decididas entre os governadores, ellas se acabariam como por encanto.

O soldado paulista fez tudo isto e muito mais ainda. E, com o mesmo entusiasmo, o mesmo ardor e a mesma fé, proseguiu na lucta durante um mez.

SEGUNDA PARTE

Um mez depois — Onde o Rio Grande e Minas ?

A guerra continuava com todos os seus horrores. O soldado paulista persistia brigando. Sentia, porém, que qualquer facto extranho se desenrolava sem que pudesse comprehender. Onde os alliados do Sul e do Oeste ? Porque o Rio Grande em peso não vinha ? Porque não adheria a Marinha ? E o tão fallado levante da Capital Federal ? E os armamentos, munição e aviões comprados no estrangeiro ? E o reconhecimento do estado de belligerancia ?

João Neves continuava a discursar no microphone e a affirmar que o gaúcho não faltaria á palavra empenhada. «Si o Rio Grande faltar ao compromisso assumido, que o mar trague esse berço de valentes!» O mar não trágava o Rio Grande, e o Rio Grande veio mas foi contra nós.

Itararé cahiu e começou o recúo. A lucta no sul é diferente da do norte. Lá, o terreno chato e sem fim, permite o corpo a corpo. O gaúcho veio para o “*entrevero*”. O paulista não gostou—nós temos medo de faca.

A pouca distancia minha, nos dias em que estive em Guapiára e Bury, ouvi distinctamente o convite :

—Eh, paulista ! Vamos no “*entrevero*” !

E o paulista respondeu :

—Qual, gaúcho ! Aqui commigo é só na bala ! E metteu fogo.

O inimigo atacava de um modo original. Parecia uma extensa fila de homens que avançavam curvados. Corrida a metralha, tombava a fila e outra immediatamente surgia por detrás. Assim varias filas. O que, porém, nós ignoravamos é que, a fila curva era a segunda, e, havia uma outra que caminhava de rastros. Quando algumas dellas tombavam, o inimigo recuava. A linha de assalto ficava, entretanto, para logo depois cahir sobre

nós de surpresa. O "*entrevero*" era inevitável. Nós sempre levávamos o pior partido. Só sabe brigar quem já brigou e paulista nunca o soube, nem o nome de "*entrevero*".

Após os primeiros combates nós aprendemos. Chegaram as granadas de mão e o gaúcho teve que se resignar. Muitos camaradas, porém, ficaram no campo!

João Neves desembarcou de um avião, em S. Paulo, e disse que vinha combater ao lado dos paulistas, como soldado. Deu um passeio pelas frentes, conversou com as moças, fez muito discurso. Quando sobreveio a derrota, confiou ao general Izidoro uma carta na qual affirmava que nem de leve havia aconselhado a revolução, e, como S. Paulo fôra derrotado, seu dever o chamava para junto de seus conterraneos... E partiu para o Paraguay!

Fiquei desapontado. Tinha muita fé no João Neves.

Após o arrocho do sul veio o aperto por Minas. Tudo montanhas. O círculo de ferro estrangulou o paulista e todas as frentes começaram a recuar, o norte mais devagar, porém, também recuando.

TERCEIRA PARTE

Dois mezes de lucta — Desanimo do voluntariado — Aparecimento do verdadeiro guerreiro.

Afinal, a frente norte tambem cedeu. Depois de alguns pequenos recúos, veio a grande retirada. A linha norte, que se estendia de Pinheiros á serra da Bocaina, foi quebrada em Pinheiros e Silveiras. Precisámos, para evitar o cerco, abandonar as posições, inclusive o Tunnel, inexpugnável.

Veio a debandada. A tropa atirou fóra tudo o que tinha, armas, munições, bagagens, e estourou para Cruzeiro. Foi a fuga desordenada do panico. E veio tambem a insubordinação. A tropa desrespeitou os officiaes. Eu, em Lavrinhas, fui desacatado, quando procurava pôr um pouco de ordem em soldados de outros batalhões. Achei melhor, para poupar a vida, não fazer valer a minha autoridade.

Os soldados saquearam as cidades abandonadas pelo povo. Algumas vezes, os officiaes passavam durante a pilhagem e não reclamavam. Dizer o que?

Já disse que o soldado é inconsciente como uma creança. Imaginem agora, o que aconteceria, si um menino aprendes-

se a desrespeitar o pae ou o professor e tivesse na mão uma metralhadora! Durante a guerra européa aconteceu o mesmo. São cousas inevitaveis.

Para honra do nosso Contingente Saldanha, como este se deslocava no ultimo minuto e tinha que immediatamente se aprestar para a nova resistencia, nunca vi saques feitos pela nossa tropa. Sempre nos retirávamos com ordem, sem abandonar nada; entrávamos nas cidades formados e cantando hymnos patrioticos. Muita vez, uma hora depois, estavamos de novo em fogo.

Tinhamos combatido sessenta e quatro dias sem parar. A tropa estava extenuada. A ordem do Quartel General era de continuar sempre na frente, sem descanso. Os soldados começaram a reclamar—era justo e necessario.

E a recusa sempre formal do Quartel General. Comecei a comprehender. A revolução estava perdida. O voluntario paulista, mesmo a tropa regular, estava vencido pela estafa physica.

Os physiologistas sabem que a machina humana exige repouso para expulsar os venenos formados nas horas de trabalho. Si não ha descanso, o organismo deixa de funcionar e a machina pára. O cerebro se apaga, a vontade se embóta,

o musculo não móve e o desanimo surge.

O soldado paulista, exausto physicamente pela vigilia continuada, pela marcha prolongada, desmoralizado pela desproporção de armamentos, acochado pela artilharia e pelos aviões, não luctava mais; queria fugir. Fracassára a revolução! Elle não tinha a menor culpa. Que culpa cabe á granada que esphacela o inimigo?

Considero cem vezes peor recuar do que avançar. Perde-se tudo. Desorganizam-se os serviços. Deslocam-se as officinas. Baralham-se os materiaes. Confundem-se os caixões. Granadas carregadas são misturadas com descarregadas. E' decuplicado o trabalho dos dirigentes. Eu calculo que o serviço por mim effectuado, depois das retiradas, correspondia ao de vinte homens trabalhando sem cessar.

Noites e noites passei sem dormir. Outras dormi encostado á direcção do caminhão. Não me recordo de descançar em cama, a não ser durante os quatro dias de repouso que tivemos em Guará! Tudo no chão, ao relento e sem cobertas. Como achar o sacco de roupas? Perdi varios, requisitei varios, e, quando cheguei junto á tropa da dictadura e ali permaneci para prestar declarações, precisei pedir vestuario. Maltrapilho e sujo, estava

coberto com um macacão de motorista que guardava o suór, a lama e a graxa de vinte dias. Verdadeiramente infecto.

O macacão, para mim, é a melhor farda do soldado. Amplo, ventilado e de pouco preço, deve sempre ser vestido pela tropa que assalta. Na minha companhia fiquei conhecido como o tenente de macacão.

Encontrei o pessoal do trem blindado usando também macacão azul marinho.

Gente valente, chefiada por Tito Pacheco e Paulo Duarte. Fez prodígios! Sempre vaticinei o fim miseravel que teria o blindado. Agora, conversando com os dicatoriaes, soube que, mais alguns dias e elle, cortados os trilhos, ficaria impossibilitado de voltar e seria destruido a tiros de canhão.

Quando expunha meus receios a Paulo Duarte, este menino, revelação de guerreiro, respondia :

—Si o blindado ficar preso, temos munição de bocca e de guerra para dez dias. Depois, darei uma martellada em uma mina, e, o blindado e a equipagem desaparecerão.

Mas, insistia, sorridente :

—Tenho certeza, porém, de que vocês, do Saldanha, nos irão buscar.

Estou seguro de que elle faria saltar o trem, como estou seguro de que nós o iriamos buscar.

Paulo Duarte foi uma revelação, repito. Como essa, outras surgiram.

E' que ha uma differença frisante entre o soldado e o verdadeiro guerreiro. Soldado é o homem que veste farda. Guerreiro é o homem que, de farda ou não, faz a guerra, supporta o martyrio e quanto mais lucta, mais quer luctar. Não se abate na derrota, não sente a fadiga, e, na energia moral de que dispõe, queima musculos e visceras no trabalho da guerra. E' difficil acreditar-se; homens que teem medo como os outros, mas voltam ao combate, passam noites a fio sem dormir, trabalham o dia inteiro. São pallidos, abatidos, mas energicos e tranquillos. Nada lhes quebra a resistencia; assaltos, defensivas, retiradas, sujeira, piolhos. Poderá dizer-se que elles não sentem! Collocaeos, porém, em uma balança. Houve quédas de peso de dez a vinte kilos!

Formidaveis! E o que é de espantar é que, entre esses tremendos guerreiros, podiam-se contar meninos de dezeseite annos!

O trem blindado de Tito Pacheco era um trem de guerreiros.

O Contingente Saldanha era um corpo de guerreiros.

Tivessemos nós dez mil homens dessa tempera, aviões e munição de canhão, e a sorte das armas teria sido diversa!

Não desprezo, entretanto, os outros companheiros de frente, menos aptos e portanto impossibilitados de possuir esta energia.

Póde alguém ser *virtuoso* de violino, só porque o quer? Não. E' preciso ter vocação.

Póde alguém ser grande clinico, só porque se formou em medicina e leu os livros? Quem lhe dará a capacidade de synthese, a sensibilidade do ouvido, o tacto de deducção?

Os companheiros de lucta, soldados das trincheiras, deram tudo o que podiam. São dignos da nossa admiração!

Despreziveis foram os heróes da retaguarda, os magnatas dos bons jantares e das boas roupas, os guerreiros de papo, todos elles por nós conhecidos, bem limpos, botas luzidias, capacete de caçador inglez ou bibi de luxo e o impreterivel revólver na cinta, que só servia para atirar em moirões de cerca. Nunca os vi na linha de fogo, e, si em horas tranquillias ou de fuzilarias inoffensivas lá appare-

ciam, de retorno, soltavam a garganta em narrativas quixotescas.

Como são exigentes esses senhores, que vão do simples tenente ao coronel de qualquer cousa. Do alto da sua superioridade exigem a atenção dos inferiores. O soldado das trincheiras parece-lhes um bicho sujo e imbecil. Só elles, com bôas camas, bons vinhos, boas luzes, bons banhos, teem razão. Fui maltratado por alguns—tenho certeza de que não gostaram do que ouviram.

A retaguarda é o lugar mais antipathico do mundo. Ao soldado da trincheira, allega-se que é malcriado e exige demais. Como si os homens na guerra pedissem licença, uns aos outros, para atirar e desculpas por ter matado alguém.

O que os soldados exigem são peças e accessorios para reparar armas. O inimigo não espera que a retaguarda as concerte! E' preciso ter as armas promptas! Esta minha queixa, que, particularmente comó chefe do material bellico, púde observar, não attinge a officina de Mogy das Cruzes, dirigida pelo dr. Lauro Parente. Foi um dos poucos da retaguarda verdadeiramente serviçal do soldado da trincheira. Bôa vontade encontrei tambem no dr. Prudente de Moraes e no serviço de abastecimento de Jacarehy.

Inolvidaveis serão sempre os trabalhos prestados pelas senhoras paulistas, na capital de S. Paulo, nas linhas de fogo e talvez nos outros estados do Brasil.

Muitas dentre ellas possuíam fibras de leões. Quando nos bombardeios homens tremiam e mudavam de côr, vi mulheres sacudidas pelo desejo da peleja.

Senhoras como D. Alice Tybiriçá, D. Baby Cunha Bueno, D. Silveirinha, D. Dinah de Almeida, D. Luizita Pereira Pinto, D. Ondina Garrido e tantas outras, merecem ser conservadas na admiração dos paulistas. Serviram abnegadamente nas cozinhas, nos hospitaes, nos quartéis, nos alojamentos, e até na limpeza de metralhadoras e no carregamento de pentes de munição.

Um homem interessante com que deparei na campanha, foi o dr. Pereira Lima. Rapaz sympathico, typo de gentleman, bem barbeado e cuidadosamente trajado. Estava deslocado na secção de metralhadoras. Homens como elle não são frouxos, mas não dão para a trincheira. Elle daria um optimo aviador ou official de marinha, onde tudo é limpo e distincto. Aconselho-o para quando houver alguma guerra.

Nas bombardas encontrei um medico, o dr. Paula Souza, e um capitão cujo nome

esqueci. Typos de guerreiros, dariam bom resultado em qualquer arma.

E tantos outros. Gostaria de cital-os um por um. Este livro, entretanto, é um apanhado rapido, escripto em doze horas no quartel de Lorena. Si algum dia escrever obra de mais folego, estamparei esses curiosos companheiros, vindos dos mais diversos berços e profissões!

QUARTA PARTE

Os idealistas do ultimo reducto.

“Vencer ou morrer”

Estavamos nos ultimos dias da revolução. Sabiamos que nada mais era possivel. E nos perguntávamos silenciosamente a attitude a tomar. A resposta intima era concisa—reagir até cahir morto.

Prognostiquei aos companheiros de lucta :

—Em Guaratinguetá se travará a maior batalha da America do Sul.

Assim deveria ser. Tudo fôra previsto. Terreno chato divisava o inimigo a dois ou tres kilometros. Trincheiras perfeitas dominavam o terreno. Minas semeadas em profusão contra os carros de assalto. Arame farpado, em series helicoidaes,

constituia obstaculo terrivel, já experimentado pelo inimigo no mesmo local.

Dias antes tentaram os dictatoriaes fazer um assalto nocturno. Roncou a fuzilaria, troaram as bombardas, e, de longe, o céo tinha relampagos lugubres!

Impressionado, o capitão Saldanha disse-me :

—Mello ! Os combates distantes são muito feios ! Prefiro estar nelles.

Pois o grupo que atacava, em carga, veio procurar nossa trincheira. A cerca de arame esbarrou-o. E o soldado sempre chocarreiro, mesmo nos momentos mais graves, grita :

—Eh, carioca ! Porque não chega ?

—Não posso. Estou na cerca. Vocês pensam que nós somos bois ?

E' interessante como se póde ser jocoso, nesta situação em que um está buscando o outro para matar. E' a inibição cerebral que nos leva a fazer e a dizer cousas automaticamente. E' a besta á flôr da pelle. Com a mesma facilidade com que avança, tambem correrá !

Todo o homem que entra no assalto está allucinado ; o cerebro fica nublado, a percepção dos factos e das cousas é tardia. Só agora começo a livrar-me de

um nevoeiro forte que me fechava a mente aos raciocínios mais faceis.

Mas, dentro de nós, estão estereotypados os lances terriveis. Acordei hoje de baixo de um pesadelo, de pé, no quarto, preparando-me para resistir a um assalto nocturno. Sonhei muitas vezes que os aviões despejavam sobre mim, bombas, bombas e bombas! Em uma das occasiões em que dormi com Pereira Lima, ouvi o desenrolar do drama que se passava no seu sonho. Agarrado á minha perna e ao meu braço, voz oppressa, dizia, angustiado:

—Não! Não! Acudam depressa!

Soube mais tarde que me salvava de uma situação difficil.

Não será facil esquecer o soffrimento moral do soldado que acompanha o vôo do avião, aguardando o momento em que atirá a bomba.

Onde cahirá ella? A impressão de cada um é que cahirá em cima d'elle.

Como olvidar a trincheira visada directamente pelos canhões 120? Não ha o chiado da granada; ao tiro corresponde a explosão—tum-tum! E a granada arromba a trincheira adeante e atraz, e uma chuva de terra cæe sobre os homens. Todos agachados, agarrados á terra, e a

saraivada de estilhaços passa mugindo por sobre as cabeças. Um caco de aço, verdadeiro machado, corta uma arvore e vae cahir, fervendo, alguns metros ao longe.

—Ai do homem que estivesse no seu caminho! Vi gente sem cabeça!

Depois do estrondo vem a calma deliciosa. Passou. Não foi ainda a nossa vez. Quatro minutos depois e a nova angustia. Já deve estar preparado um outro tiro. E assim, a vida corre em um martyrio de minutos que parecem seculos!

A's vezes, tambem as horas se escoam como si fossem minutos! Na retirada do morro do Canhão, ouvi e senti o maior tiroteio que será possível no mundo. O fogo de todos os dictatoriaes estava concentrado na trincheira grande, pois a frente norte cedera e fôra abandonada na vespera. Os aviões haviam notificado ás tropas inimigas, no reconhecimento effectuado pela manhã. Nós ignoravamos tudo absolutamente e nos preparavamos para atacar, quando a nossa attitude devia ser de fuga immediata.

O P. C. do capitão Saldanha estava situado em uma grotta, a duzentos metros da trincheira, justamente no fim do vallo onde terminava o morro. Assim, o fogo inteiro era enfiado por esse canudo.

Impossível descrever! As balas asso-
biavam de todos os modos. Tive a im-
pressão de uma parede de aço! O capi-
tão Saldanha, chamado ao telephone, a-
vança pela muralha de fogo, de pé, como
si passeiasse por uma avenida. Nem um
passo rapido, nem uma dobra no corpo!
Aliás qualquer precaução seria inutil. O
homem que o acompanhava quiz segui-o;
faltou-lhe o animo; voltou atrás e ganhou
o bambual. Eu entrei pelo chuveiro de ba-
las. Não gosto que um homem possa fa-
zer mais do que eu.

Recebida a noticia alarmante foi sus-
penso o assalto e ordenada incontinenti
a retirada. Tudo em ordem, sem deixar
um cartucho, sem atropêlo! Batalhão for-
midavel!

Nesta retirada nós estavamos quasi cer-
cados. Ficámos como no fundo de uma
garrafa—só havia sahida pela bocca.

O comboio seguira na frente, sob o
commando do Dr. Camara. Eu fiquei no
caminhão de material bellico. Recebi or-
dens do capitão:

—Conserve seu caminhão preparado pa-
ra fugir assim que o inimigo apontar.
Fica ao seu criterio resolver. Espere, po-
rém, o mais que puder, para receber to-
das as armas automaticas, minas e tele-

phones, afim de que nada fique abandonado.

Esperei. Chegaram metralhadoras, chegaram minas, chegaram telephones; faltavam, porém, duas pesadas e eu não queria partir. O caminhão começou a receber balas—desviei-o alguns metros. Estava escurecendo e o inimigo fuzilava de todo jeito. Tive a impressão de que não seria mais possível sahir!

Peguei um sacco de granadas de mão e distribuí-as pelos dez homens que guardavam o caminhão.

—Conservem estas granadas na mão. Será melhor que as atirar no fundo do carro. Pódem disparar.

Era mentira. Eu sabia que estes homens tinham os olhos fixos em mim. O soldado confia cegamente no official que o comanda. Como elles me viam aparentemente calmo, estavam despreocupados. Si eu deixasse transparecer medo, seria o estouro e o abandono do caminhão de armas!

S. Paulo deve este favor a minhas filhas! Preparei-me para o sacrificio meu, do caminhão e de todos os que nelle estavam! Distribuidas as granadas pelos homens, dois dedos de prosa fiada para mantel-os socegados, entrei no auto e disse ao motorista:

—Siga. Si encontrar homens barrando a estrada, atire o caminhão por cima. Ellès fugirão. E liguei quatro minas ao detonador.

—Que faz o senhor, tenente? perguntou o motorista.

—Nada, meu velho. Estou apromptando o telephone para ficar tudo em ordem logo que tomemos posição.

O pobre guiou o vehiculo serenamente, carregando dez homens fóra eu. A carga total de explosivos era de 120 minas, mais do que sufficiente para fazer saltar uma estação!

Não quiz a providencia que fôsse necessario este sacrificio. O inimigo nos temia e nos respeitava. O gargálo da garrafa era estreito, mas estava aberto. Entretanto, uma bala perdida ou um estilhaço de granada faria saltar o caminhão.

O caminho escuro era estreito de dois metros, mal cabia o carro. Os pharóes apagados. De um lado o paredão a pique, de outro o despenhadeiro!

Três kilometros adeante dynamitei as duas pontes de madeira, principaes adductoras para Lavrinhas. A grande ponte de ferro tinha seiscentas bananas e mais tarde vôu.

Diz o general Góes Monteiro que isto

foi errado, que se deveria destruir somente os pontilhões da estrada de ferro. Não sei. Nunca li os tratados militares. Sei unicamente, pelo tratado da minha consciencia, que ao inimigo não deixo nem agua si pudér. Queimo tudo e tudo destrúo.

Não fui o ultimo homem que sahiu do morro do Canhão. De pé, envolto no inseparavel capóte, lá ficou o vulto magro do capitão Saldanha, contemplando melancholicamente a trincheira que abandonava. Primeiro a entrar no fogo e ultimo a sahir delle, o bravo soldado perdeu-se na escuridão. Pensei nunca mais o ver!

Encontrei-o dois dias depois em Cachoeira. Viéra a pé. Ficára observando o inimigo.

Cheguei a Lavrinhas, depois Cruzeiro, depois Cachoeira. Haviamos começado a retirada ás seis horas da tarde. Pensei que eram oito da noite. Pedi horas ao Dr. Camara. Respondeu-me:

—Meu relógio parou, ás quatro e meia da tarde.

Puxei pelo meu.

—Coincidencia, respondi, o meu tambem parou ás quatro e meia.

Guardámos os relógios. Algum tempo depois soubemos que eram quatro e meia

da manhã. Nossos relógios funcionavam. Só os nossos cérebros haviam parado.

A bomba incendiária é um pavor!

Almoçava, em Lavrinhas, no rancho da 4.^a companhia do 1.^o batalhão de engenharia, com o capitão Alduino e seus officiaes.

Bravos rapazes, o capitão e toda a sua gente. As nossas trincheiras eram impecaveis e todas feitas debaixo de balas! A do morro do Canhão era um palacio.

Viéram três aviões. Começou a expectativa...

Repentinamente, chegou o fim do mundo! As bombas incendiárias arreventaram no morro, junto ao Quartel General do Cel. Theophilo, e a fogueira immensa crepitou.

E' uma lama de alcatrão fervendo, em chammas!

Ajudei a apagar este fogo, optima mira para os canhões.

Os soldados do Contingente Saldanha nunca mais sé esquecerão das patrulhas negras!

Nossa offensiva na frente norte terminou logo nos primeiros dias da guerra. Era impossivel atacar com a inferioridade de armas automaticas, canhões e aviação.

Para não ficarmos, então, na defensiva e darmos a impressão de que reagiamos, organizámos as patrulhas negras. Um grupo de trinta a cinquenta homens, á noite, era enviado com a missão especial de entrar em contacto com o inimigo.

Sahia a tropa e a trincheira só era acordada pelos tiros de inquietação. De quando em vez, uma rajada dictatorial pipocava.

—Munição á bessa! diziamos nós. E sorriamos. Havia um travo amargo nesse sorriso alegre.

Passavam-se as horas.

De improviso, fogo em um flanco, granadas de mão, gritos! Era a patrulha negra.

Roncava a frente dictatorial inteira! A força imaginativa do homem surprehendido no ataque, faz ver inimigo em cada canto!

E, somente trinta a cinquenta homens agachados na escuridão, faziam tremer as trincheiras da dictadura!

E' o systema de guerrilhas, o unico em que acredito e confio.

A patrulha negra mergulhava no breu da noite e ia direita ao fim. O official adeante, granadas na mão, seguia firme para o inimigo. Nada de hesitações!

Nunca surprehendia — era sempre surprehendida. Não faz mal — o seu fim era alarmar e nada mais!

Não se fallava — batia-se na bandoleira, para mostrar que todos estavam juntos.

Silencio e trevas! Os grillos estridulantes, sustavam o barulho, quando nos aproximavamos. O inimigo conheceu este signal e encheu a noite de metralha!

Sabido, de outras vezes levei um pio de grillo e não parei de bancar o maior que existiu no mundo. Deu bom resultado.

Hoje quando ouvi dos dictatoriaes que, no dia da paz, seria estreado contra nós um canhão de 280, senti minha alma virar-se para dentro. Um canhão 120 é qualquer cousa de monstruoso — mais do que o dobro, não posso conceber. Seria uma hecatombe!

E a batalha de Guará viria. Tudo estava preparado para tal. Seria um tremendo combate em campo raso, onde se utilizariam todas as armas.

O preparo prévio de artilharia deveria ser de dias seguidos, até arrebentar as nossas trincheiras e quebrar as cercas de arame farpado. Depois a aviação. Em seguida, a linha de carros de assalto surgiria, trazendo atrás a carga de infantaria. Na linha de rodagem, quarenta canhões disparariam simultaneamente!

Iamos morrer todos. A batalha de Guarará seria a final! Nella se acabaria a guerra porque se acabariam os paulistas!

A tropa regular sentiu isto; o resto do voluntariado advinhou-o.

Dar-se a vida em sacrificio inutil, póde ser lindo, mas é tolice, repito.

Foi à debandada ao primeiro tóque do armistício. Tropas confraternizaram-se e abandonaram as trincheiras e os commandantes.

A ancia do lar! O homem, que durante mezes não pensou na casa, não quer esperar, não póde, nem um minuto mais! Todos sentiram o mesmo desejo! Todós! Mas alguns, muito poucos, é verdade, ficaram para morrer!

Foram os idealistas da ultima trincheira, os bandeirantes convictos do lemma paulista "Vencer ou morrer".

Capitão Saldanha e sua gente guardando sósinhos as trincheiras de Guarará! Legião Negra, na serra das Cangalhas, combatendo ainda um dia apóz a paz! Tropas diminutas que não cheguei a saber, tal a confusão e balburdia, más que ficaram a postos!

Coronel Euclides de Figueiredo, commandante supremo até os ultimos instantes!

Vós, bravos, fostes os grandes guar-

diões da honra paulista ! Em vossas pessoas se acrysolou o trabalho e o nome dos sete milhões de S. Paulo ! Tudo o que o povo fez, deu e trabalhou, ficou fartamente remunerado pela attitude nobre que tomastes ! Os corpos dos companheiros cahidos em combate tremeram de orgulho ante o vosso gesto ! S. Paulo cahiu, mas cahiu de pé !

E quando, na linha branca do horizonte, em Guará, vi as vossas silhuetas, vigilantes para o inimigo fronteiro, aguardando a massa de ferro e fogo que ia despencar, senti que ha qualquer cousa de sobrehumano no homem valente !

S. Paulo vos contempla, reaes soldados da revolução constitucionalista !

Faltava sómente uma hora para terminar o prazo dado e começar a batalha. Imaginei o enthusiasmo com que os milhares de dictatoriaes se arremetteriam contra nós, o animo alevantado pela victoria facil e proxima. Lembrei-me das minhas filhas.

O commandante Saldanha mandou chamar-me. Entregou-me a ordem do Quartel General da Força Publica ordenando o recolhimento da tropa e armamentos.

No momento senti nojo. Respirei asquerosa covardia. E ficámos attonitos, perplexos.

Então o paulista entregava-se sem morrer? Não se faria a batalha de Guará? A linha final que deveria aguentar na serra dos Crystaes, na serra de Jacarehy, nos outeiros de Itapetininga e Sorocaba, não se havia de formar? Depois a lucta corpo a corpo, dentro da cidade de S. Paulo, tudo tacitamente combinado sem que tivéssemos trocado uma só palavra—de consciencia!

Eu lhes disséra dias antes:

—Escutem. Quando no sertão o gado sente a onça approximar-se, sabe que ella busca o vitellino. Vem a manobra. Os bezerros ficam no centro, as vaccas fazem circulo ao redór, depois os bois velhos e por fóra os touros. E tudo começa a rodar e a mugir. E' uma gritaria que não se acaba mais! As hastes ponteadas dos touros espetam o ar, aguardando a onça. Ella não vem!

Assim, dizia eu, si, em S. Paulo, puzéssemos no centro da cidade as creanças, os velhos, as mulheres, depois os homens debeis e por fóra a tropa aguerrida, poderíamos gritar:

—Homens da dictadura! O lemma de S. Paulo é «Vencer ou morrer»! Estamos vencidos—vamos morrer! Nesta cidade tendes tudo o que é S. Paulo, quasi tudo o que é o Brasil! Aqui estão as suas fa-

bricas, as suas riquezas, as suas lavouras, os seus homens e as suas familias!

Vinde, si quizerdes! Fazei roncar os vossos canhões! Cantae a metralha! Avançaê no assalto! Tudo acceitaremos. Ficae sabendo, porém, que, quando entrardes, só encontrareis ruinas e cadaveres! Tereis matado o Brasil!

O Destino não quiz que fosse assim. Foi talvez melhor. Não ha nada errado no mundo.

A attitude do commando da Força Publica foi acertada. O unico recurso para salvar a capital dos horrores da guerra era ceder. Nós todos o sabiamos. Seria facil convencer os idealistas do «Vencer ou morrer». O exterminio de S. Paulo era lindo, representava a mentalidade dos idealistas, mas não representava a finalidade de um povo. Não se póde ordenar o massacre de uma cidade só porque se é idealista! E' preciso lembrar-se que dentro della se abrigam os burguezes e os capitalistas, votados não ao sacrificio, mas ao cultivo do lar e dos negocios. Quem com isto não concordasse tinha, na frente, o campo de batalha para se immolar em holocausto á Patria de S. Paulo!

A attitude do commando da Força Publica póde não ter sido heroica, mas era a unica compativel no caso.

O reprovavel, entretanto, foi isto ser cuidado á revelia dos chefes que combatiam. O commando da Força Publica agiu por conta propria. Escreve o proprio coronel Herculano de Carvalho e Silva, commandante geral da Força Publica, que o general Góes Monteiro tratou em separado com os emissarios da Força Publica.

Porque em separado? Não eram todos emissarios dos constitucionalistas?

Não foi trahição. Foi a estafa physica, por mim explicada anteriormente, vencendo o commando da briosa Força Publica. Sejamus justos e ponderados. Entremos na paz para construir. Deixemo-nos de offensas e diffamações inuteis. A hora do fogo já passou.

O general Klinger, dias antes, propuzé-ra o armisticio. A soldadesca não accetou—fez a confraternização immediata. As nossas tropas, em grupos de cincoenta e mais homens, atravessaram as linhas.

Infelizmente as negociações de paz não foram bem succedidas e nova ordem de romper as hostilidades foi enviada. Factos emocionantes occorreram então.

A tropa da dictadura, não querendo massacrar os novos camaradas, gritava :

—Escondam-se que vamos atirar! Cuidado com os canhões!

Soldados despediam-se com lagrimas:

—Adeus, companheiro, agora vou voltar para começar outra vez!

Alguns, detidos por conveniencia do P. C. para não denunciar as posições, desesperados, clamavam:

—Deixem-nos partir. Que vão dizer os nossos camaradas! Vão pensar que os abandonámos!

Talvez fosse por isto que o commando da Força Publica cedeu.

Tivemos a idéa de formar uma columna que, á semelhança da de 1924, rompesse o caminho para o sul. Foi bom não termos encontrado elementos sufficientes. Iriamos ao encalço de um phantasma que nunca existiu—a grande columna gaucha da Constituição!

Prisão do Cel. Euclides de Figueiredo e de outras personalidades da Campanha Constitucionalista

Como occorreu o facto na costa de Santa Catharina segundo telegrammas officiaes.

Rio, 14 (Da succursal da “Folha da Manhã” — Via Western)—A proposito da prisão do coronel Euclides de Figueiredo, o ministro Mello Franco recebeu o seguinte telegramma do interventor em Santa Catharina:

“Foram presos aqui nas proximidades do forte Nau-

fragados, pelo capitão Proença Gomes, commandante da bateria, quando viajavam para o sul, o coronel Euclides de Figueiredo, major Reynaldo Saldanha da Gama, tenente Figueiredo Lobo, Dr. Paulo Duarte, Tito Pacheco e o tenente da policia do Rio, Armando Figueiredo de Oliveira, além de mais dois serventes. Mandei recolhê-los ao quartel da Força Publica, aguardando ordens do chefe do governo provisório. Cordiaes saudações.—(a.) Assis Brasil”.

—Sobre o mesmo assumpto o director dos portos recebeu o seguinte radiogramma :

“Communico-vos que, tendo tido aviso hontem, 13, ás 22 horas, do pharoleiro do Pharól dos Naufragados que na praia das Cayeiras se encontrava uma embarcação que parecia conduzir gente armada, pedi o auxilio do capitão Proença, commandante do forte, que mandou uma lancha da Capitania do Porto com uma patrulha para prender o pessoal da referida embarcação. Pedi, tambem, o auxilio do commandante do Corpo de Aviação Naval, que mandou para o local um rebocador com escolta. Pela manhã de 14, regressou o commandante Proença, trazendo uma lancha matriculada em Santos, com passageiros sem permissão. Ao desembarcarem nesta capital foram reconhecidos o coronel Euclides de Figueiredo, o tenente José de Figueiredo Lobo, major Reynaldo Saldanha, os advogados Paulo Duarte, Tito Pacheco, e mais dois civis empregados no commercio. Communicado o facto ao coronel Alencourt, chefe de policia, este aqui compareceu levando os presos para o Quartel da Força Publica. O mestre e a guarnição da lancha foram multados de accordo com o regulamento em vigor, tendo sido aberto inquerito a respeito: Saudações—Capitão do Porto de Santa Catharina.”

CAPITULO V

Trahição!

Esta noite tive um pesadelo horrivel. Engalfinhado com um homem, ferrava-me elle os dentes na garganta e chupava-me o sangue como si fôra um monstruoso vampiro! No desespero, com o meu facão, cortei-lhe o pescoço até sentir aberta a cartilagem da trachéa. O sangue esgui-chou forte innundando-me a face.

Acordei sobresaltado, tremendo, com o coração pulando e com o corpo molhado de um suor frio e pegajoso. Tive medo de ficar no escuro. Precisei accender a lampada até varrer o sonho máu, como a luz varre as trevas!

E' a impressão que ficou. E' o facto anormal gravado. Nunca mais a cellula cerebral poderá perdê-lo. Daqui a vinte annos, algum dia, despertarei dentro do assalto!

O tiro de canhão directo na trincheira!
O avião sobre nós, como uma gallinha

sobre os pintos, a despejar metralha e a pingar bombas! O incendio do sapé, o vento a soprar a chamma destruidora contra nós, emquanto o inimigo corta a cerca para o ataque a baioneta! A perseguição do derrotado, a metralhadora nas costas, subindo o morro que nunca mais tem fim, cahindo, levantando, agarrando qualquer cousa para ajudar o impulso, o espinho que rasga a mão, a urtiga que queima, a cobra que se tóca, a guela secca, a respiração anhelante, o suor que se chupa para molhar a bocca, a vertigem, a outra posição e o abandono de si mesmo pela fadiga e exgotamento nervoso, indefeso, incapaz de acção, deixando-se até matar! A sujeira, a lama, os piolhos, os excrementos dejectados dentro da trincheira! A comida difficil de chegar; ás vezes, o feijão frio e azedo de dois dias. Um horror! Um inferno que nem contar se póde!

No assalto, á noite, os homens gritando e pulando como diabos, os clarões das granadas, a fuzilaria! O assalto é muito melhor do que o canhão e o avião. Pelo menos são homens contra homens. E' a lucta, não a inercia. Antes morrer brigando do que se deixar matar como um carneiro!

Uma granada explóde em uma esquina da trincheira. Não fôra a curva e seria-

mos reduzidos a caldo. O homem, estupidificado, nada avalia, volta atraz:

—Alguem se machucou?

—Não; só um soldado cóspe sangue, porque foi atingido no peito por um terrão.

Depois do assalto:

—Quantos homens faltam? Três? Está bem. Vamos descansar.

—João levou um estilhaço que lhe cortou o capacete e o craneo!

—Coitado! Que azar!

E continúa a dormir. Nem foi vel-o no outro dia.

João era o companheiro inseparavel de risadas e de setteira.

A guerra só é facil e linda para quem nella não entra!

«Aguenta e o fogo que a victoria é nossa!» gritavam os soldados, rindo-se abobalhadamente, nos momentos difficeis.

* * *

Trahição! É o pesadelo que rouba agora o socego do povo paulista! Está irritado, rancoroso, de olhos baixos, de supercilios vincados.

Não póde explicar a derróta após tanto esforço, tanta lucta, tanto ouro, tanto

trabalho, tanto amor ao proximo, tanto heroismo.

Mães perderam até seis filhos! Esposas vendo o pão minguar e o lar derrocado! Creancinhas sem comprehender, de olhos grandes, magrinhas, reclamam os paes! Oh! Como tudo é horrivel!

E vem a queixa enorme! Como tamanho desastre! Como tamanha miseria!

* * *

TRAHIÇÃO! TRAHIÇÃO! TRAHIÇÃO!

* * *

Eu preciso accender a luz no cerebro do povo paulista e varrer da sua mente o pesadelo que o devóra e consome!

* * *

Meus patricios!

Sou um homem que vivo da minha profissão. Trabalho honestamente no meu humilde gabinete de medico. De ninguem depondo. Não sou obrigado a defender os outros.

Sou anti-militarista e pacifista por indole!

Sou anti-politico, por conhecimento dos homens.

Si não houvesse soldados, não haveria armas, não haveria a guerra.

Si não houvesse politicos, não haveria bandalheiras, não haveria a guerra.

Meus patricios! Isto não é traição; é derrota!

Derrota é o fim da guerra, a desordem, a anarchia, o cháos! Derrota não é a chegada das tropas voltando do *front* — derrota são os acontecimentos que de longa data a precederam.

A derrota é contada pelos jornaes em determinado dia. Muito antes, porém, já se implantou nas linhas de frente e dentro dos commandos geraes!

Tenho ouvido fallar na traição dos politicos e na traição dos militares, especificadamente da Força Publica. Tenho lido listas de trahidores apontados á ignominia do povo! Tenho sabido de insultos feitos a soldados e a officiaes da Força.

Injustiça! E tanto mais frisante quanto, mesmo que a Força Publica fosse trahidora, os seus soldados não teriam absolutamente culpa—o commando, sim. A Força estava esparramada por todos os batalhões. O Contingente de Assalto Saldanha da Gama era composto de paisanos e soldados dessa milicia. Não conheci mais patriotas nem mais valentes!

Traição dos politicos! O máu politico

não tráe—o máu politico vende-se pelo melhor quinhão!

Quando houve a disputa pelo poder, formaram-se as frentes unicas. Gente absolutamente incompativel, que se insultava dias antes, milagrosamente fez as pazes. “Tudo por amor a S. Paulo”, já se vê.

Ficou combinado que S. Paulo, Minas e o Rio Grande se levantariam contra o governo central.

Alguma cousa, porém, aconteceu que os homens centraes de Minas e do Rio Grande resolveram não se levantar. Mas, disso não scientificaram os companheiros. Não sei bem qual é o nome que se dá a estas acções!

Ora, os homens que dirigiam as frentes unicas, sabendo que não iriam entrar nos combates, mas dirigil-os e estimulal-os de longe, esqueceram-se por sua vez de prevenir os armamentos, munições e aviões.

Só quem vae brigar é que examina si possúe fuzil e si tem balas!

S. Paulo contou com o Rio Grande, este com Minas e Minas com S. Paulo. O circulo vicioso.

Como os meus patricios veem, elles não tiveram culpa. Foi só um ligeiro esquecimento—atiraram o povo de S. Paulo, sem armas, sem munição, sem aviões e sem

canhões, contra a dictadura armada até os dentes!

Travam-se os combates. Os soldados recúam por não ter um tiro no fuzil. Os canhões não respondem, porque faltam balas. Os aviões inimigos nos metralham e bombardeiam impunemente, porque não temos outros para combatel-os.

O soldado, creatura humana que não é de ferro, fraqueja, hesita e dispara.

Batalhões inteiros vieram de licença e não tornaram a regressar! Outros batalhões não quizeram combater mais!

Tivessem dado armas a esses homens, e no arroubo de entusiasmo, teriam passado o Cattete e esbarrado na Guanabara!

Os officiaes atordoam-se, a defesa desorganiza-se, tudo se mistura e veem as retiradas de trem ou de caminhão.

A retirada é aquillo de que já fallei—a mixordia, a falta de ordem, o desrespeito, o saque. Ha tambem as trahições locaes e os espiões. Isto, porém, não é trahição geral; é uma acção de guerra. Canhões, metralhadoras, soldados, munição, espiões e trahidores.

Granadas descarregadas, cartuchos descalibrados, vâgões de munição esquecidos, gazolina com agua, são atabalhoamentos, fuga dos encarregados, precipitações de serviço, mas não é trahição.

Em um dos assaltos á Pedreira, em Villa Queimada, uma companhia foi dizimada porque as granadas não tinham espoletas.

Esses homens pagaram com a vida, o descuido de não verificar as armas recebidas.

Tudo isso eu vi. O primeiro trahidor que me cahisse nas mãos seria fuzilado em dois minutos. Não pude fuzilar um só por não o encontrar. Fui chamado varias vezes para ver um trahidor dando signaes com uma lampada no alto de um morro. No local encontrei um tronco, guardando fogo de uma queimada produzida por uma bomba incendiaria.

Os trahidores são como os phantasmas. Existem alguns, mas são tão raros que, bem examinados, não se descobre um só.

Os sabios reuniram-se na Sorbonne para estudar os phenomenos espiritas. Obtiveram materializações, photographias, impressões em cêra, flôres e estofos do outro mundo; tiraram provas physiologicas de respiração, calor e pressão arterial; mas, tudo bem estudado, não puderam chegar á conclusão de que eram de phantasmas! Desconfio que eram espiritos, mas não tenho certeza.

Os quartéis generaes, scientificados da balburdia, viram-se em posição difficilima.

Fez-se a chamada geral de reservistas. Quasi ninguem compareceu.

Porto fechado, mais falta de soldados e mais falta de armamentos, é igual á derrota inevitavel!

Só a bravura do povo de S. Paulo, auxiliando de um modo espantoso, podia prolongar a lucta por tres mezes. De outro modo não duraria quinze dias.

Ahi é que está a culpa dos politicos, que clamarei durante o resto da minha vida. Si não possuíamos elementos, confessassem logo o erro e não continuassem, na doce esperança de qualquer milagre, a mandar os pobres soldados para o açougue!

Os commandos sentiram a situação. As tropas inimigas chegaram a Jundiahy; a batalha de Guará acabaria com a frente norte.

Tenho ouvido dizer que o aviador de observação notificára varios dias que a frente inimiga não possuia tropas na linha de Campinas. Todo o mundo pergunta:

—Porque não se avançava, então?

Respondo eu:

—Podia não haver tropas, mas havia canhões—e onde ha canhões, ou se avança para o combate á baioneta ou se recua. Não ha outro modo. A tal inefficiencia dos canhões, reside na mobilidade das tropas visadas. Experimente alguém

ficar no campo de tiro e sentirá a apre-
goada inefficacia!

Perdida Campinas, viria a invasão da
capital. Combates nas proximidades, nas
ruas, destruição, saques e violentamento
das mulheres. A pata do vencedor se as-
sentaria sobre S. Paulo!

O commando da Força cedeu, mais de-
pressa do que devia, é verdade!

Ainda mesmo que se não tivesse pre-
cipitado em acceitar a paz, não sobraria
a S. Paulo outro recurso. Era questão de
mais dois dias. Campinas representava a
chave das estradas de ferro e consequen-
tamente do abastecimento da capital e
das tropas em operações.

Acreditaes, paulistas, que a burguezia e
o capitalismo que vivem comvosco, parti-
lhariam da vossa abnegação e coragem,
indo até ao sacrificio da cidade e da po-
pulação?

Si assim é, estaes enganados. O bur-
guez e o capitalista só conhecem a casa
e o dinheiro.

Julgae, meu Povo!

* * *

Patricios! Sêde valentes na derrota co-
mo o foram os vossos bravos homens,
paes, filhos, irmãos e esposos, nos cam-
pos de batalha em que tombaram!

Ha maior coragem em ceder do que em avançar.

Estamos vencidos! Não por covardia, mas pelas contingencias da guerra.

Sejamos dignos da derrota! Em 1870 Paris sentiu o peso da bota allemã. Ninguém berrou, nem fez comícios, nem depredou casas commerciaes. Não permittamos que os turbulentos venham ainda mais aggravar a nossa situação.

O vencedor tem o direito de esmagar o vencido. E' a lei da guerra!

Vae victis!

Mas o vencedor não esmagará o vencido. Elle sabe que ainda nos resta uma arma que respeita mais do que os canhões — a boycotagem e a resistencia passiva, isto é, o dinheiro, o rei do mundo.

Christo hoje não seria vendido por trinta dinheiros, mas fatalmente o seria por trinta mil contos!

Ghandi, desdentado e nú, foi chamado pelo maior imperio da terra, para conferenciar.

Nós não pudemos vencer pelas armas. Venceremos pela Razão, pelo Direito, pela Justiça ou pelo Dinheiro!

Chegaram a Lisboa os exilados políticos

LISBOA, 19 (H.) — Abordados ao desembarcar, esta manhã, pelos representantes da imprensa, os deportados políticos brasileiros guardaram a maxima reserva no tocante á politica. Um dos entrevistados declarou: "A nossa causa não interessa sinão aos brasileiros. Agora cumpre-nos olhar com esperança para o futuro".

Outro passageiro do "Siqueira Campos" e um dos de maior destaque entre os deportados, observou: "Não fomos trahidos, mas vencidos militarmente. Tinha-se mesmo de suspender a lucta para evitar novas e inuteis effusões de sangue".

O general Klinger, que se mostrava mais preocupado do que os companheiros, disse ao representante da Agencia Havas, que tencionava passar algum tempo em Lisboa, installado em qualquer modesta pensão familiar.

A maior parte dos exilados ficará igualmente em Lisboa. Os demais partirão nos proximos dias para differentes pontos da Europa.

(Da Gazeta de 20-11-932)



CAPITULO VI

Gregos e Troyanos

Este capitulo é escripto dois mezes após os incidentes finaes.

Sinto-me satisfeito por ver que o desespero que accruciava a alma dos paulistas, vae pouco a pouco se acalmando.

Esta satisfação provém de ter sido eu o pioneiro das verdades crúas sobre os acontecimentos de S. Paulo. Outros seguiram-me, sustentando, com valor e competencia, a these inicial.

Ser primeiro é difficil. Precisa coragem. Principalmente quando se vae arrostar a multidão, no jogo complexo de sentimentos em effervescencia.

A verdade, entretanto, é crystallina. Tarde ou cedo apparece.

Galileu foi obrigado pelos inquisidores a repudiar a theoria da rotação da terra. Negou-a para não ser queimado como hereje.

Intelligente, elle sabia que, mau grado

a vontade dos homens que desejavam com suas palavras dirigir o universo, a terra gyrava por si.

— *E pur, si muove!*

Levantar a cabeça contra o mais forte é considerado estupidez e falta de bom senso.

A sabedoria popular diz:

«A corda arrebenta-se sempre do lado mais fraco.»

Quanta vez no palacete faustoso, a serva humilde vae pagar na cadeia, como ladra, o furto de joias que o filho querido esbanjou na roleta e nos lupanares.

* * *

O povo paulista começa a compreender que a revolução foi açulada por politicos interesseiros e desalmados, sequiosos do poder perdido.

* * *

Julio Prestes, aos primeiros lampejos da victoria futura, abalou-se do exilio, na Europa, e veio para Buenos Ayres esperar que seus amigos lhe entregassem as posições, que estavam sendo conquistadas com o sangue paulista. Diz elle, que foi para combater como soldado.

Porque, então, não atravessou a fronteira?

Logo que a derrota chegou para S. Paulo, eil-o de regresso á Europa.

Muita coincidencia para ser verdade.

A viagem do sr. Julio Prestes a Buenos Ayres

LISBOA, 20 (U. P.) — O jornal "O Seculo", desta capital, publica, hoje, uma entrevista com o dr. Julio Prestes, ex-presidente do Estado de São Paulo, na qual são desmentidas as affirmações de um jornal carioca, a respeito dos motivos de sua ida a Buenos Aires, por occasião da revolução paulista.

Disse o ex-presidente ter procurado, livre de quaesquer ambições pessoaes, ir reunir-se aos seus conterraneos, mas ao chegar á capital argentina, verificou a impossibilidade de chegar a São Paulo.

Affirma ter ido ali, não como politico, pois considera terminada a sua carreira politica, mas com a unica ambição de lutar ao lado de São Paulo.

Regressou a Portugal, como projectava, visto ter deixado aqui sua familia, logo que viu perdida a causa revolucionaria no Brasil.

E com as seguintes palavras terminou as suas declarações ao "O Seculo":

— "Assim como fui directamente a Buenos Aires, regresssei da mesma forma, em um navio hespanhol, com um passaporte dado pelas autoridades competentes e com as deferencias com que as pessoas civilizadas tratam os politicos exilados".

(Da Folha da Manhã de 22-11-932)

* * *

A revolução não foi encarada seriamente pelos homens que a tramaram. Carencia absoluta de armas e munições, aviões e canhões.

Não houve entendimento firme com Flôres da Cunha e Olegario Maciel, arredo, aquelle, talvez por interesses politi-

cos, e desconversado, este, como mineiro pacato e prudente.

Borges de Medeiros, homem valoroso e honrado, e Arthur Bernardes, politico matreiro, só possuíam prestigio moral.

Prestigio moral não dá tiro!

Dizem alguns que Flôres da Cunha, no Clube dos Duzentos, declarou ao snr. Julio Mesquita, emissario paulista, que em absoluto não apoiaria um movimento armado de S. Paulo. Affirmam tambem que Arthur Bernardes assegurou seu apoio politico e nada mais.

Póde ser mentira.

Caso, porém, estes factos sejam verdadeiros, ainda mais grave é o crime dos fomentadores do levante.

Não nos restará admittir outra deducção—poetas ou malucos.

O segredo da victoria residia na adheção desses grandes estados, que apoiariam nossas forças em uma marcha batida para o Rio.

No dia 9 de Julho deveriam estar preparados dez mil homens, commandados por officiaes corajosos e traquejados, munição, artilharia, aviões, caminhões e comboios.

Armas aos montões, na Praça do Patriarcha, clarins, hymnos, discursos, politicos á frente como soldados, e o povo inteiro de S. Paulo se abalaria para o

Cattete, como uma caudalosa torrente de gente e de ferro.

O dictador se acordaria com os nossos soldados dentro do palacio.

No Rio é que se feriria a guerra para manter os constitucionalistas no poder.

Viria fatalmente a adhesão dos oscilantes, e a victoria seria nossa.

O contrario, porém, se fez.

Declarada a revolução, appareceram homens de todos os lados—faltaram armas e commandantes.

Os dictatoriaes rapidamente fecharam as fronteiras do norte e depois apertaram o sul e o oeste.

Prompto. Era uma revolução perdida. Os movimentos de rebellião não victoriosos de surpresa, nunca o serão pela força.

O mais grave, entretanto, foi a cadura dos estrategistas brancos. O commando das columnas de responsabilidade, guardas de confiança do povo de S. Paulo, foi entregue a officiaes suspeitos ou incapazes.

Quem não sabia que o Cel. Azarias Silva era miguelista? Pois bem. Ribeira do Apiahy foi entregue ao adversario por este commandante. Não havia necessidade de o fazer, pelo menos sem combates violentos, pois o capitão Miranda, da mesma tropa, que se não quiz render,

com cento e vinte homens, veio juntar-se ao Batalhão Barboza, em Apiahy, e fizeram a celebre retirada.

O major Hygino, na região de Eleuterio, sem a minima razão, deu ordem de recuo geral ás tropas sob seu commando. O tenente Izidoro, revoltado com semelhante acto, ameaçou-o com seu revolver. Amedrontado, o major Hygino, reconside-rou a ordem para executal-a mais tarde. Traição? Talvez. Póde tambem ter sido medo.

Dizem que o tenente Guilherme de Faria, no sector de Mogy-Mirim, commandando uma bateria de morteiros, passou-se para o lado opposto, e pela estação de radio da P. R. A. X. desandou uma chuva de improperios contra S. Paulo. Nada pude saber. Entretanto, se isso é verdade, esse homem é um trahidor.

O tenente coronel Moraes Pinto, primeiro commandante do sector sul, foi fraco de acção e de qualidades de chefe. Retiradas foram effectuadas desordenadamente, e na pressa da fuga nem os trilhos das estradas de ferro foram arrancados, permittindo que o inimigo viesse ao nosso encalço de trem.

Em Itararé um tal de João Grande e um capitão Vallim, que nada tem a ver com o bravo capitão Vallim do Batalhão Esportivo, tentaram envenenar a tropa e

passaram-se rapidamente para o adversario.

O tenente coronel Leal, receioso em demasia, obedecia ás intimações telephonicas dos dictatoriaes, abandonando as cidades de Caconde, Mocóca, Vargem Grande. Afim de evitar que procedesse identicamente em Casa Branca, foi destituído do commando pelo major Romão Gomes e capitão Oswaldo de Carvalho.

Alcyr Porchat, pelas columnas dos jornaes, veio justificar sua attitude, negando que tivesse sido enviado preso para S. Paulo e refutando as accusações graves que lhe foram feitas. Infelizmente sei de fonte limpa e posso affirmar que elle foi detido e depois relaxada a sua prisão.

Aliás, o seu crime não foi de traição. Foi de frouxidão—a mesma tibieza que atacou muitos officiaes, fazendo-os receiar um inimigo que de inicio foram capazes de combater. Acredito piamente que Alcyr Porchat, como a maioria dos officiaes apontados como trahidores, não tivesse o menor sentimento de fraqueza, quando do inicio da revolta, impulsionados como foram pelo ardor do movimento. Com a sequencia dos dias, ante a disparidade da lucta, faltou força de animo a toda essa gente, e elles principiaram a pensar nos meios de cessar uma guerra, na qual podiam perder a vida. E começaram os con-

lucros, em que tomaram parte officiaes e civis. O crime não é de traição, repito.

Entretanto, sinto que lhes cabe a culpa do final desairoso da revolução. Si os officiaes não se tivessem deixado dominar pelo medo, nós, pouco a pouco, como, aliás, já o estavamos fazendo, iriamos occupando as posições de commando, e a nossa retirada se transformaria em uma contra-offensiva tremenda, que, sacrificando milhares de vidas de ambos os lados, modificaria inteiramente a situação dos constitucionalistas, dando-lhes senão a victoria, pelo menos um accordo honroso.

Felizmente para nós, a revolução não vingou. Hoje, reconheço que a victoria de S. Paulo seria um desastre muito maior que a derrota. Julio Prestes, João Neves *et cetera*, os profissionaes do P. R. P. e do P. D., estavam a postos, e com elles os industriaes gananciosos, a espera de novas tarifas proteccionistas.

Ao major Mario Rangel foram imputados factos gravissimos. Considerado de acção duvidosa na praça de Itararé, que commandava, foi, depois do fracasso daquelle reducto, enviado para Campinas. A Escola Polytechnica teve de mandar para essa cidade um fiscal de sua confiança, áfim de evitar possiveis actos de sabotagem, ali praticados.

Finda a revolução, naquella zona foram encontrados cerca de um milhão de tiros, dentro de vagões lacrados, e espoletas de granadas foram devolvidas, então, sem o explosivo. O Snr. Mario Rangel, a bem do seu nome, deve explicar estes pontos obscuros.

Era claro que assim deveria ser. De espantar seria o contrario.

Porque mandaram, para postos importantes, homens tão duvidosos?

Porque não os fuzilaram?

Em declarações ultimamente feitas, allega, o coronel Azarias, ter sido obrigado a render-se devido á traição dos companheiros.

Póde ser verdade, em parte. Entretanto, esta affirmação não redime o commandante. Sendo miguelista, recebeu a direcção de uma força paulista, sendo-lhe confiado um sector da mais alta importancia. Seu unico trabalho, pois não houve combate serio, foi entregar a Ribeira ao inimigo.

Não perdão nem acho desculpas para este official. O commandante de uma tropa de guerra é como o commandante de um navio—afunda com a náu.

Não foi traição. Foi falta de combatividade.

E maior gravidade apresenta esta falta se attentarmos que, esta e outras

victorias faceis, do inimigo, é que permittiram augmentar a caudal dos elementos que vieram combater S. Paulo.

Os indecisos e oscillantes, que aguardam sempre o lado para onde penderá a balança, sentiram-se com coragem de engrossar as fileiras da dictadura. E contaram-se aos batalhões.

Ha quem se queixe do capitão Raul, em Ressaca e Posse, por ter abandonado o flanco direito do 5.º R. I., causando o envolvimento das tropas do tenente Graça, que em grande numero pereceram em um pantanal ou cahiram prisioneiras, inclusive o seu commandante. Não sei. Talvez não fosse nem má vontade, nem traição. Ha momentos no combate em que é impossivel conter a avalanche que despenca.

Assim, mil e um incidentes que após a derrota foram tambem qualificados de traição.

Mas, pergunto eu:

E' traição um partidario auxiliar o outro, quando nós sabiamos antes das ligações existentes entre elles?

Não. E' incompetencia e estupidez nossa.

Outros casos tambem appareceram, apontando mais pessoas como culpadas do fracasso final.

E' a corda que procura arrebentar-se onde pudér.

O general Klinger foi acoimado de fahlo de acção militar.

Tal não é verdade. Official competente, aqui chegou depois de iniciada a revolução, portanto, sem ter tomado parte nos preparativos confiados a outros. Viu logo a tragedia. Soldado, porém, não fôge da guerra. A estas horas está no exilio.

E' bem verdade que nós esperavamos a tropa vinda em peso de Matto Grosso.

Alguns homens viéram. A maior parte, constituindo o 18 R. I., precisou ficar em Campo Grande, fazendo cara ás forças do 16.º R. I.

Moraes Barros, Secretario da Fazenda, foi accusado de pechinchar nos preços de armamentos, offerecidos pelo Paraguay e pela Belgica. Nada pude averiguar. Parece-me que uma unica compra de material bellico foi effectuada nos Estados Unidos, pelo Snr. Byington, tendo sido apprehendida pela dictadura.

Recebi um jornal de Livramento, na fronteira do Rio Grande do Sul, jornal este, intitulado «A Frente Unica», n. 18, de 16 de Outubro.

Este numero é consagrado totalmente ao manifesto dos Snrs. Raul Pilla, João Neves, Baptista Luzardo e Lindolpho Col- lor ao povo de S. Paulo e á Nação.

Nelle fica exhuberantemente patenteada a traição do Snr. Flôres da Cunha á

causa dos constitucionalistas do Brasil.

Achei tudo muito certo. Mas, porque não ficaram esses senhores dentro do paiz, para, de cabeça erguida, atirar, na cara do interventor do Rio Grande, o epitheto de patife e de vendido?

Que autoridade sobra ao Snr. João Neves para assignar este manifesto, quando fugiu vergonhosamente de S. Paulo, declarando que nem de leve havia aconselhado a revolução?

Não acceito explicações de pessoas que não tiveram coragem bastante para arrostar as responsabilidades dos actos que praticaram.

Todo criminoso proclama sua innocencia, porém, não a póde provar em juizo.

Muito tenho, tambem, ouvido fallar do celebre pacto de Guaxupé, onde o commandante das tropas mineiras, o major João Lemos, teria faltado á palavra empenhada, invadindo o territorio paulista, depois de ter-se compromettido em um pacto de não-agressão, uma vez que cada tropa ficasse dentro das suas fronteiras.

Este caso tornou-se ainda mais rumoroso, quando foi apontado o nome do dr. Marrey Junior, como agente provocador deste accordo.

Procurei investigar a natureza da conducta do major João Lemos e das suas

tropas, e a acção que neste pacto desempenhou o dr. Marrey Junior.

Não me foi difficil, pois, nos jornaes e escriptos do proprio punho dos protagonistas, encontrei os dados necessarios para a completa elucidação dos factos.

—Tendo o capitão Romão Gomes, á frente de suas tropas, atravessado a fronteira paulista, em direcção ao territorio mineiro, foi detido em Guaxupé pelas forças do major João Lemos, commandante das hostes adversarias.

Enviou este, aos constitucionalistas, um emissario, pedindo-lhes sua retirada do territorio mineiro.

«Commando do 11.º B. I. da Força Publica do Estado de Minas Geraes.

Muzambinho, 19 de Julho de 1932.

Ao Snr. Commandante das Tropas Paulistas em occupação da cidade de Guaxupé.

Attendendo ás circumstancias prementes da vida financeira do Paiz, que é nossa Patria commum, por cujo engrandecimento tanto tendes concorrido;

attendendô á face lamentavelmente ingloriosa de uma lucta fratricida, como a que se delinea, infelizmente, para nós;

attendendo aos sentimentos de fraternidade e de brasilidade que nos devem unir e irmanar a todos—mineiros e paulistas—cujo escopo deve ser um unico e exclusivo: o de trabalharmos conjugadamente na feitura e na defesa da nossa Patria estremecida;

attendendo aos soffrimentos que essa lucta acarreta á população civil que se acha sob nossa jurisdicção militar, nesta hora, e que é a maior victima de todas as desavenças dessa especie;

attendendo a varias circumstancias, de ordem moral e sentimental, em que vae o maximo respeito ás vossas idéas—é que vos dirijo este appelo, incisivo e definitivo, recorrendo a vossos sentimentos patrioticos—como bom brasileiro que sois—no sentido de ser desoccupado o territorio mineiro que cahiu em poder de vossas forças, que deverão voltar sem ser hostilizadas para dentro das fronteiras, porque se assim não o fizerem, levar-me-hão á dura contingencia de, em cumprimento ás ordens recebidas, fazel-as assim proceder, violentamente, para o que me sinto devidamente aparelhado.

O portador, que é o Snr. Moacyr Bueno, pessoa de minha absoluta confiança, melhormente, de viva voz, vos dirá da sinceridade deste appelo e para elle peço, não só a consideração e o apreço que deve merecer como meu emissario e em desempenho de tão delicada missão, como ainda que o seu regresso se realize dentro do prazo de duas horas e meia, após a sua chegada, o que não feito constituirá certeza de haver sido infeliz, ou talvez mal comprehendido neste appello cheio de sentimento patriotico e de toda a boa fé, que espero não será relegado por vossos sentimentos e por vossa nobreza militar, dando-me, assim, direito de iniciar as hostilidades. Saudações

(a.) Major João Lemos»

(transcripto do «Minas Geraes», orgão official do governo de Minas, do dia 15 de Outubro.)

Embora reconhecesse não haver objectivo tactico na occupação de Guaxupé, não quiz o capitão Romão Gomes concordar com esse pedido, visto entender que só ao commando geral caberia tal determinativa. Procurou, então, este official, estabelecêr contacto com as tropas mineiras, enviando como seus emissarios,

primeiramente o Snr. Herman de Moraes Barros, e, mais tarde, os Snrs. Marrey Junior, Vicente Pinheiro e Agostinho Rizzo, acompanhados de Newton e Mozart Andreucci e do tenente Mazille.

«Primeiro Batalhão Paulista da Milicia Civil. Guaxupé, 19 de Julho de 1932.

Ao Snr. Major João Lemos da Silva, o capitão Romão Gomes, commandante do Batalhão.

Snr. Major:

Occupando unicamente posições estrategicas sem molestar a população local, cuja liberdade tenho mantido completa, extranhei os termos ameaçadores do officio de que foi portador o Snr. Moacyr Bueno.

Em absoluto não poderei attender ao pedido, não recuando um passo sequer, mesmo porque, dependo para isso do commando do Snr. Tenente Coronel João Dias de Campos, com quartel general em Mogy-Mirim.

Sentiria profundamente se se viesse a dar um choque entre irmãos e apelaria para os sentimentos de V. Excia. no sentido de se evitar o derramamento de sangue de bons brasileiros, que visam, estou certo, um Brasil forte e unido.

Certo ainda de que todos os brasileiros estão com a nossa causa, o que se prova com a adhesão completa das forças federaes de S. Paulo, Rio Grande do Sul, Matto Grosso e dos outros estados e com a opinião unanime dos bons patriotas á frente dos quaes sempre formaram os mineiros, que tenho a convicção de serem partidarios do regimen constitucional, unico compativel em regimens civilisados, não recuaremos sinão depois de attingido o fim em vista.

Assim sendo, appello mais uma vez para os sentimentos de V. Excia. e aproveito a oportunidade para apresentar os protestos de minha estima e consideração.

(a.) Romão Gomes, capitão-commandante

P. S. - O portador do presente officio é o tenente Herman de Moraes Barros, que vos exporá de viva voz o pensamento que anima o movimento que iniciamos.

(a.) Romão Gomes»

«Ao Snr. Major João Lemos da Silva, o capitão Romão Gomes, commandante do Primeiro Batalhão Paulista da Milicia Civil.

Saudações.

Tenho a honra de apresentar a V. Excia. os meus parlamentares drs. Marrey Junior, Vicente Pinheiro e Agostinho Rizzo, acompanhados de Newton e Mozart Andreucci e tenente Mazille, que, em meu nome, vão conversar com V. Excia. sobre os intuitos das forças constitucionalistas, que são de plena fraternidade, sem a mais ligeira preocupação de hostilizar o povo e as forças mineiras.

Como começo de manifestação deste nosso propósito, os meus emissarios farão a V. Excia. a restituição do sargento da Policia Mineira, hoje cahido em poder de nossas tropas.

De V. Excia. patricio attento e admirador

(a.) Romão Gomes, capitão-commandante».

Infelizmente os entendimentos não chegaram a bom termo. O major João Lemos iniciou o combate de Manoel Joaquim, tres kilometros adeante de Guaxupé.

Dou a palavra ao grande cabo de guerra, capitão Romão Gomes, transcrevendo o seu boletim do dia, publicado no «Estado de S. Paulo», de 28 de Julho.

«Boletim regimental n. 7 — No dia 19, ás 10 horas, recebi um emissariô do sr. major João Lemos da Silva, commandante da Força Mineira, que defendia o sector occupado por esta unidade, intimando-me a desoccu-

par o territorio mineiro. Respondi ao major Lemos que só recebia ordens de meus superiores do Exercito Constitucionalista. Que não pretendia atacar as tropas de seu commando e muito menos molestar a população.

Dei alguns esclarecimentos ao emissario e ordenei ao tenente Herman de Moraes Barros que, pessoalmente, fosse o portador do officio e esclarecesse o nosso ponto de vista. Nada conseguiu esse official, apesar do esforço empregado no sentido de evitar a luta pois o major Lemos se obstinava em tomar a cidade de assalto.

Esgotados assim os recursos pacificos, acceitei a lucta, sabendo que ia defrontar-me com tropa regular e numerosa, fortemente armada e municuada.

Na manhã de 20, inspeccionava eu as linhas avancadas, chegando ás 7,20 hs. no sector do tenente Machado.

Minutos depois, o adversario descarregava as suas armas sobre os nossos soldados. Esboçado o combate, tive occasião de verificar com indizivel satisfacção, que nossos homens, apesar de novatos, utilizavam suas armas com pericia, fazendo economia de munição, facto rarissimo, mesmo em se tratando de tropa regular. Uma saraivada de balas envolvia a estação e as diversas trincheiras, onde os nossos homens se defendiam com tenacidade e grande entusiasmo. A experiencia era sobremaneira confortadora. Assim, depois de uma hora de intenso tiroteio pude continuar a inspecção dos outros sectores, certo, como estava, de que a companhia Machado sabia luctar. O tenente Machado demonstrou mais uma vez o seu valor, já affirmado em meu conceito, competencia tecnica, calma e espirito de sacrificio. O ataque á posição Machado continuou cada vez mais intenso até ao anoitecer, tendo o inimigo empregado consideravel effectivo, munido de varias armas automaticas, granadas de mão, granadas V. B. e granadas incendiarias, pondo fogo ao capinzal que se estendia por toda aquella zona. A'

tardinha, a posição tornara-se insustentavel. O vento soprava com certa impetuosidade, da frente atacante para os defensores, e, assim, as labaredas, a fumaça e a metralha, castigavam atrozmente os denodados defensores de "Manoel Joaquim", sendo obrigados a deixar certas trincheiras para não serem carbonizados e ocupar outros pontos desabrigados. Como se não bastasse, o adversario, com novos contingentes, já envolvia o flanco direito e esquerdo, procurando cortar-lhe a retirada. Sciente desta situação, mandei um reforço sob o commando do tenente Felicio Araujo, com instrucções para apoiar o retrahimento da companhia Machado, o que foi feito em perfeita ordem, sem abandoná-lo, no campo da luta, objecto algum.

Oito homens, entretanto, foram aprisionados pelo adversario, devido á falta de pratica, ao grande afoitamento, á fumaça e densidade do capinzal.

O feito do tenente Machado e de seus commandados honra as tradições de S. Paulo.»

Continuando a não haver objectivo militar na occupação de Guaxupé, e para evitar derrame inutil de sangue, em uma lucta que de inicio já se mostrava feróz, compareceu o cel. Joviniano Brandão, do Quartel General, afim de acertar com o major João Lemos as medidas tendentes á suspensão das hostilidades, resultando dahi o pacto de não aggressão naquelle local, e ordenando a desoccupação de Guaxupé.

Durante quasi um mez as forças de ambos os lados mantiveram-se inteiramente calmas e despreoccupadas da guerra. Só passado este tempo, tendo a dictadura se preparado convenientemente,

recebidos reforços de todo o Brasil, começou a delinear o cerco que fecharia o norte, o sul e o oeste, em uma braçadeira de fogo. Veio a derrota progressivamente.

Quizeram os exaltados admittir ter havido traição ou falta de palavra do major João Lemos, visto, neste final, as tropas terem invadido S. Paulo pela fronteira mineira.

Observação falha e apaixonada.

O major João Lemos era commandante das tropas no local, mas não era o governador de Minas. Uma vez que Minas estava ao lado da dictadura, esta ordenou o cerco geral e as tropas entraram por todas as frentes. (*)

Ao major João Lemos unicamente cabia obedecer determinações superiores, como ao capitão Romão Gomes restava acatar as ordens do coronel Joviniano Brandão, mandando-o retirar-se de Guaxupé. Simplesmente, hierarchia militar. Aquillo era uma guerra, meus senhores.

(*) Na realidade o major João Lemos não assumiu compromisso algum, em nome do governo, para a neutralidade do estado montanhez.

Estou seguramente informado de que o Dr. Fernando Costa, dias após a evacuação de Guaxupé, foi á Minas, com carta do general Klinger ao presidente Olegario Maciel, afim de entrar com elle em possivel entendimento sobre a adhesão de Minas ou sobre a sua neutralidade.

O Dr. Fernando Costa viajou com o Dr. A. Gontijo de Carvalho e, em caminho, reuniram-se aos Drs. Aureliano Leite e Marcos Mélega. Na estação de Muzambinho conversaram com

O dr. Marrey Junior e os seus companheiros nada mais foram do que emissarios do capitão Romão Gomes, por elle plenamente autorizados.

Aliás elles nada mais poderiam ser, porque não possuíam credenciaes para tanto.

Negocios de guerra são negocios de soldados e não admittem paisanos.

E' claro que si não fosse conveniente a evacuação de Guaxupé, o coronel Joviniano Brandão e o capitão Romão Gomes não a effectuariam, nem o commando superior a ordenaria.

Além de que si Romão Gomes, soldado valente e impolluto, tivesse a menor duvida do desempenho dado por aquelles senhores á missão de parlamentares, não se teria retirado da cidade e os teria mandado fuzilar sem hesitação.

A celeuma levantada em torno deste caso proveio daquelle politico, o Snr. Marrey Junior, na epocha em que o povo de

o major João Lemos que repetiu-lhes não ser o governador de Minas, mas, que no local, compromettia-se a não atacar os paulistas desde que estes não o fizessem primeiro.

Regressando o Dr. Gontijo de Carvalho, os outros personagens encontraram-se, na estação de Soledade, da rêde Sul Mineira, com o Dr. Gustavo Capanema, Secretario do Interior do Estado de Minas.

São, pois, esses senhores que devem dizer se o accordo foi effectuado, e, na hypothese affirmativa em que consistiu, para que possamos fazer juizo dos motivos pelos quaes as tropas mineiras atacaram S. Paulo em fins de Agosto.

Sei, entretanto, que não houve pacto algum.

S. Paulo anciava pela revolução, ter-se mostrado contrario á lucta armada.

Naquelles tempos, para nós paulistas, não havia escolher:

«Crê ou morre! Paulista ou inimigo!»

Para mim seu erro foi ter publicado o manifesto pessoal ao P. D., após a derrota de S. Paulo.

Embora quizesse com elle provar ao povo que as razões que apresentára contra a lucta eram reaes, acertadas e ponderadas, não devia ter censurado os antigos companheiros politicos, na hora tremenda da desgraça.

Sente-se, porém, que seu manifesto ao P. D. é uma peça de defesa.

Marrey Junior não resistiu ao impeto de protesto. Esses companheiros o haviam abandonado inteiramente nos dias da guerra.

* * *

Os dados que me serviram de apoio nas conclusões acima, foram retirados de cartas e ordens do dia, dos principaes protagonistas do caso de Guaxupé.

Costumo somente fallar de cousas que posso provar. Em geral fallo daquillo que pratico.

O pacto de Guaxupé, dada a importancia que apresentou aos olhos dos pau-

listas, resolvi esclarecê-lo, embora não fizesse parte da acção.

Transcrevo ainda uma carta do capitão Romão Gomes :

«Casa Branca, 23 de Setembro de 1932.

Prezado amigo dr. Marrey Junior. — Attenciosas saudações — Relativamente á carta que me dirigistes —solicitando meu depoimento, respeito á vossa actuação, no chamado «Caso de Guaxupé»—devo dizer-vos o seguinte :

Tomada por nós a cidade mineira de Guaxupé—o official da Força Publica de Minas Geraes—sr. major Lemos—mandou propor-me—antes de dar combate ás nossas tropas—por intermedio de um emissario—que eu evacuasse o territorio mineiro.

Promettia-me o sr. major Lemos—dizendo-se com annuencia do Palacio da Liberdade—que o sólo paulista não seria invadido por forças mineiras estaduaes. Accrescentava que se eu não me retirasse—dentro de curto prazo—atacaria meu contingente—com suas forças, superiores em numero, regulares, fartamente armadas e municiaadas. Concedia-me tregua até o dia seguinte, pela manhã. O emissario que enviei ao commandante Lemos— sr. tenente Hermann de Moraes Barros—levou minha proposta :

Não poderia acceitar a proposta Lemos—sem ordem formal, expressa—do commandante de sector—Tenente-coronel João Dias de Campos. Que ao sr. commandante Dias de Campos e não a mim—deveria se dirigir a proposta.

Em face da minha attitude—deu-se o ataque—partido das forças mineiras. Após o primeiro dia de luta —em que os meus soldados se portaram valorosamente—mantendo as posições conquistadas no territorio mineiro—apparece alli o sr. commandante Joviano Brandão. Dessa visita eu fôra previamente avisado pelo commandante Dias de Campos.

O commandante Joviniano disse estar incumbido de um entendimento com o sr. commandante Lemos. Antes da vinda do commandante Joviniano já os srs. drs. Marrey Junior, Vicente Pinheiro e Agostinho Rizzo, me haviam procurado, na estação de Guaxupé, fazendo-me o pedido seguinte:

Que se eu os autorisasse — elles iriam parlamentar com o sr. commandante Lemos—expondo-lhe a grandeza do movimento deflagrado em São Paulo e Matto Grosso e fazer-lhe sentir a amizade fraternal existente entre mineiros e paulistas.

Claro está que para ser levada a bom termo essa missão, os illustres parlamentares teriam que seguir como emissarios meus. Nessa condição foram portadores de um officio meu, endereçado ao sr. commandante Lemos.

Como a resposta a esse officio fosse identica á proposta formulada pelo sr. commandante Lemos—antes de iniciado o ataque—v. g.—a evacuação do territorio de Minas—expressando um pacto de não agressão, reciproco entre as milicias mineiras e paulistas—disso resulta um entendimento telephonico entre os illustres senhores Marrey e Morato. Em seguida eu sou consultado sobre o valor tactico da occupação militar de Guaxupé. Opinei que essa cidade não offerencia maior significação—sob o ponto de vista militar—o que ainda hoje reaffirmo, convictamente. Pois que, procedendo a estrada de ferro que de Tres Corações vem até Guaxupé—não é difficil guardal-a, com efficiencia, cerca de cinco a seis kilometros, á retaguarda—bem entendido — dentro do territorio de S. Paulo, na zona fronteira com Minas. Isto—sem maior prejuizo e com a vantagem de não irritar os justificaveis melindres do povo montanhez — que em sua grande parte pensava e pensa com os paulistas.

Depois do entendimento acima referido — entre os senhores Marrey e Morato—chega o sr. commandante Joviniano. Até então — eu não recebera ordens do

commando geral da Força Publica — para effectuar a desocupação do territorio mineiro. Minhas tropas conservavam suas posições.

Foi ahi que o sr. commandante Joviniano—na companhia dos senhores a que me referi ao inicio desta carta—volta novamente á presença do sr. commandante Lemos—desta feita—note-se bem—sem credenciaes minhas. Mesmo porque—sendo eu naquella época official capitão—a um official superior não poderia dar credenciaes.

A tregua—que terminaria, como já foi dito — pela manhã, ás dez horas—foi prorogada até á noite. Com o regresso da illustre comitiva, o sr. commandante Joviniano me ordenou deixar o territorio do Estado de Minas. Tal ordem foi cumprida pelo sr. capitão Ramos, que commandava um batalhão que viera reforçar minhas tropas.

Emquanto taes coisas aconteciam, eu fallava ao telephone com o sr. commandante geral da Força Publica, indagando se deveria ou não, dar cumprimento á ordem recebida, o que valeria cumprir o accôrdo celebrado.

Depois da troca de varios telegrammas, nelles o sr. commandante geral da Força Publica pondo á minha disposição mais reforços, o que parecia traduzir o pensamento de recusar o seu beneplacito ao pretendido accôrdo, eu me preparei para resistir a todo o transe.

Foi quando recêbi um telegramma do sr. commandante Alfieri, chefe do Estado Maior da Força, transmittido por intermedio do sr. major Mario Rangel, ordenando que me retirasse, com toda a minha tropa, de Guaxupé.

Suppondo que essa ordem proviesse de um possivel equivoco, de um «lamentavel equivoco», pedi confirmação do telegramma, o que foi feito. Obedeci. Deixei o territorio de Minas Geraes.

O que se passou, decorrido algum tempo, todos sabem.

As tropas montanhezas invadiram, com surpresa geral, o territorio do nosso grande e nobre Estado. E invadiram precisamente pelo sector de que hoje eu sou o commandante.

E' o que eu sei, o que me cabe dizer-vos, fielmente, lealmente, verdadeiramente.

Com muita sympathia, vosso patricio e admirador, collega e amigo. — (a.) commandante Romão Gomes.»
(Transcripto do «Estado» de 10 de Outubro)

* * *

Homo homini lupus. (O homem é o lobo do homem.)

* * *

Haverá quem acredite ter havido contradicção formal entre este capitulo e o precedente. Muito a proposito nós o incluimos em seguimento.

Trahidor é o individuo que, de caso pensado, falta vergonhosamente á seus deveres e á sua palavra.

Não tivemos traição geral—tivemos trahidores isolados. Não podemos culpá-os. A espionagem e a traição constituem a sexta arma de guerra.

Os officiaes e paisanos accusados de traição não foram senão homens falhos de combatividade. Medo e nada mais.

Emquanto os combates foram travados a uma certa distancia, puderam supportal-os, animados que estavam com a proximidade da victoria. Logo, porém, que a nossa inferioridade em armamentos permittiu as primeiras vantagens ao inimigo, sentindo que a peleja ia passar a ser ef-

fectuada no corpo a corpo e com enorme sacrificio de vidas, a coragem abandonou-os, e nas retiradas apressadas acharam o recurso unico para fugir á morte que se avisinhava.

A soldadesca sentindo-se sem commando disparou tambem.

Dahi nasceu a maior coragem dos dictatoriaes que avançavam aos nossos recúos desordenados, e o conluio entre officiaes e civis para a cessação das hostilidades.

Puro medo. Não se póde exigir, todavia, que um homem nasça valente.

Isto só vem confirmar o que eu disse:

Não é a farda nem os galões que fazem o guerreiro.

Agora, os brasileiros sabem que, si algum dia a nação precisar de soldados, o povo inteiro está apto para servir com denodo e patriotismo. O que será necessario, porém, é ir buscar os commandantes, entre homens absolutamente competentes, que muitas vezes não são os officiaes de carreira, mas que bem podem ser o sapateiro ou o alfaiate da esquina.

CAPITULO VII

A quelque chose malheur est bon

A guerra de S. Paulo, militarmente, foi de grande proveito para o paiz. As celebres missões estrangeiras, custeadas a peso de ouro para ensinar o soldado brasileiro, em dez annos não poderiam fazer aprender o que se aprendeu em dez dias de lucta. A guerra em lugar da manobra — a acção pratica substituindo a pantomima. Tudo sabemos agora.

O uniforme de guerra deve ser o macacão, largo, ventilado e de pouco preço. Nada de equipamento complicado — o soldado atira-o fóra por inutil e pesado. Capacete de aço que não é feito á prova de bala, como querem os ingenuos, mas que protege a cabeça, ponto extraordinariamente vulneravel, dos estilhaços, da terra, das coronhadas e dos golpes de facão. O melhor typo é o inglez — feio, mas bom.

—Dou-te uma capacetada! ameaça o soldado ao companheiro. Se facilitar, é

provavel mesmo que o capacete se transforme em arma.

Cinto largo e simples, carregando cento e cincoenta tiros. Sacco de lona para granadas de mão—varetas, cartucho festim, boccas V. B. para usal-as no mosquetão bem curto e pesado. Botinas ferradas—a sola lisa só serve para escorregar.

O horror da debandada reside nos tombos. Chéguei a cahir quinze a vinte vezes em uma só corrida, morro abaixo. Fiquei machucado das quedas e nada me aconteceu no combate.

Nada de perneiras de couro ou de panno—machucam ou seguram no capim. Cano de bota, macio e firme.

Como armas, um mosquetão, que serve de fuzil, de lançador de granadas e de clava de combate. Facão grande, bom no matto, no acampamento e na lucta.

Um golpe acertado decepa o punho ou rasga a tempora até o nariz. O gaucho prefere um facão a qualquer outra arma e usa-o assim.

A granada de mão é uma maravilha. Cada soldado deve ser obrigado a ter seis em cada combate. Quando explóde no peito, o morto dá um salto e cae de bruços.

O revolver em combate é uma arma para moças. Não presta para nada. Perde-se depressa ou custa a sahir do esto-

jo. Dizem os officiaes que é bom para lidar com a tropa, ás vezes, brava como gado de Matto Grosso!

Nunca usei revólver. Ganhei dois e dei-os de presente.

Gado bravo não conhece revólver! E' preciso saber lidar com elle!

Das armas grandes, as bombardas dão resultados lindos até mil e quinhentos metros. Gosto muito das lagartixas, pequenos morteiros, que atiram até quatrocentos metros, granadas correspondentes a três das de mão. Um corpo especial dessa arma prestaria serviços, não só na defensiva, como em assaltos de certa duração.

A metralhadora leve deve ser preferida á pesada. Fazendo o mesmo serviço é de muito menor peso e presta-se tambem para atirar contra os aviões.

As armas automaticas devem ser collocadas em abrigos forrados com saccos, parede e solo, para evitar a poeira que impede rapidamente o funcionamento da peça.

O lança-chammas é de grande utilidade, mas requer um corpo de especialistas corajosos para applical-o; a labareda attinge até trinta metros; — o calor é terrível ainda a cincoenta; na defensiva e no combate ao carro de assalto, dei-

xando-lhe incandescente o arcabouço, mata a tripulação.

O carro de assalto, em si, é uma arma de pouco valor, facilmente aprisionavel. Arame farpado, aos pedaços, solto pelo chão, enrola-se-lhe no eixo e o carro pára, como no sertão pára o carro Ford, com a roda presa pelo cipó. Alçapões cobertos com taboas e a grama plantada para mascaral-os, arreiam sob o enorme peso e prendem a machina. Minas semeadas pelo campo arrombam-no e o inutilizam. Além de que elle só póde ser applicado em terreno plano.

Guaratinguetá seria um campo de utilização para os carros de assalto. A ditadura possuia dezeseis prompts para empregar—nós possuamos dez ou doze.

O trem blindado é uma arma de luxo. Formidavel na surpresa, onde, tomado como trem de carga, mata o inimigo a queima bucha, é quasi inutil depois de conhecido.

Só a valentia amalucada de Tito Pacheco e Paulo Duarte conseguia, todas as noites, levar o blindado em patrulha nas linhas inimigas.

O fim seria tragico! Que o attestem os balaços de 75 com que alguma vez veio carimbado. Alguns dias mais e seria aprisionado, pelo córte dos trilhos e liquidado a tiros de canhão! Eu o soube do

capitão Rosas do 9.º R. I. do Rio Grande, que tudo preparára.

O trem blindado fazia picuinhas ao adversario. De quando em vez, deixava-lhe um bilhetinho e um pacote de cigarros ou um pouco de chocolate.

—«Para os soldados capazes de defender uma causa tão miseravel.»

Notei nos olhos dos homens um resentimento serio e uma especie de rancor. O trem blindado matou gente como diabo!

O avião é uma tremenda arma de observação, mas é quasi insignificante pela efficiencia bellica. O effeito moral é pasmosamente desorganizador.

Todo o mundo na lucta é atacado de uma nevrose muda — o pavor do aeroplano. Principalmente quando elle ataca e nós nada temos para responder. O avião vôa sempre a mais de mil metros. E' bastante sabido para não o fazer mais baixo, onde existe uma metralhadora. Os abusos de pouca altura, commettidos em Guará e Aparecida, descendo até seiscentos metros, eram o conhecimento absoluto da não existencia de automaticas no local. E tanto é assim que, á primeira rajada, ganhavam altura immediatamente.

Nunca vi um tiro de metralha acertar em um aeroplano—tambem nunca vi o contrario acontecer.

Nos ultimos dias recebi duas metralha-

doras Tcheco, com fita de duzentos e cinquenta tiros e adaptação anti-aérea. Linda arma, perfeita e eficiente. Soube que o primeiro official que commandára este grupo, o tenente Paranhos, fizera prodigios. Logo foi posto fóra de lucta, mutilado gravemente.

Essas metralhadoras possuem um mechanismo millimetrico de deslocação vertical e horizontal. Assim tencionava fixar a mira horizontal bem adiante do avião — e ficaria passeiando o corte vertical em uma alça capaz de abranger pontarias variadas. Fatalmente o avião iria encontrar a foice de aço que o abateria!

— Ah, Mello Maluco! Aviador perito mas louco! Tu irias conhecer um outro Mello Maluco!

Os gazes asphyxiantes seriam utilizados de lado a lado. Vi mascaras promptas para ser entregues aos soldados.

Seria a morte rapida pela intoxicação ou a agonia lenta escarrando pedaços de pulmão. A pseudo-humanidade que impediu o emprego delles, foi o terreno montanhoso e a proximidade de lugares habitados, para onde o vento carregaria os gazes. Os homens são impagaveis! Em todo o seu altruismo, em toda a sua nobreza, sempre ha um interesse escondido!

Os lanches de emergencia, em caso de muita fome, podiam ser comidos. Tudo

mofado, principalmente o pão, que nunca provei. Os soldados tomavam a pinga e comiam o salame e o chocolate. Seria melhor uma lata de leite em pó em lugar do pão. As nossas bolachas de guerra eram blindadas, mas não desprezadas.

A assistencia medica de combate é uma mentira. De tal maneira me insurgi com a incongruencia, que, por algum tempo e a pedido, indo substituir o capitão Pirajá, logo desisti. A assistencia cirurgica foi boa, mas ficou longe demais. Dizem que é assim que deve ser. Na minha consciencia, porém, não é assim. O homem que toma um tiro na barriga deve ser operado incontinenti; uma arteria que dá sangue deve ser immediatamente pinchada, esteja onde estiver. Que adeanta retaguarda hospitalar sumptuosa, si o ferido chega exangue e em estado de choque?

O soccorro medico na linha de fogo, o proprio soldado, directamente interessado, faz melhor que o corpo medico. Seria de maior utilidade que tivesse pegado em um fuzil.

A revolução foi uma escola de guerra para o paiz. Mil manobras militares não dariam o mesmo resultado. Ficou plenamente provado que o Brasil guarda um povo de valentes!

Os paulistas foram formidaveis na or-

ganização bellica, na defesa e na guerrilha! Os provisórios do Rio Grande do Sul, descidos das serras, são feras dignas de respeito nos combates a arma branca! Cargas de cavallaria foram dadas, e, na arremettida louca, as metralhadoras inimigas eram laçadas e arrastadas!

S. Paulo foi derrotado pelo Brasil como a Allemanha o foi pelo mundo inteiro! E a Allemanha preparou-se quarenta annos para a guerra! Povo militarizado, armamento em folha, munição fartissima, escola de officiaes, escola de generaes e escola de espiões! E foi derrotada.

O que se não dizer, então, deste bravo povo de S. Paulo, sem armas, sem munição, sem nunca ter aprendido a guerra!

Nossos soldados usavam matracas para substituir a munição que faltava!

Eu propugno pela criação de escolas de officiaes de combate. Não precisamos de soldados—todos os brasileiros mostraram que realmente o são. Necessitamos de homens de direcção, officiaes de guerra, e não de officiaes addidos aos quartéis generaes. Carecemos de officiaes que avancem na frente, carregando a soldadesca, e não de officiaes que mandem na retaguarda.

Tivemos superiores brilhantissimos, bravos soldados commandando soldados, primeiros na carga, ultimos na retirada. Mas,

tivemos tambem officiaes de caserna, soldados brancos e inuteis da revolução.

Homens que fazem da farda uma profissão, não a souberam honrar no campo de batalha e se afastaram d'elle, cuidadosamente, como qualquer patria-amada bissonho.

Recordemos os officiaesinhos bonitos de S. Paulo, cheios de pó de arroz e os heróes da segunda linha das frentes de combate. Eu accuso. Venham me perguntar si forem capazes.

E' preferivel ficar-se burguezmente em casa, a vestir uma farda na guerra e tornar-a uma phantasia de mascarados na retaguarda. O homem prudente e timido fique na sombra, mas não vá fingir que lucha, combatendo, na verdade, o soldado da trincheira.

A retaguarda é uma necessidade—sem ella o soldado da frente não poderia existir.

Soldados valentes da retaguarda, que tudo déstes, que tudo servistes ao soldado da trincheira, recebei o preito da sua gratidão! Não é a vós que viso, bem o sabeis e bem o sabe a vossa consciencia.

A minha pécha aos heróes brancos e aos maus politicos só cabe na cabeça daquelles que a merecem, como o chapéu se adapta ao coco do individuo. A carapuça foi talhada—aquelles que a pu-

derem vestir, enfiem-na até as orelhas. Aquelles que nada teem a ser censurado, com ella não se importarão.

—Em que me offenderia alguém chamar-me de ladrão?

Não é mau politico um homem como Pedro de Toledo, velho, honrando sua acção e sua pessoa. S. Paulo não pediu a Getulio Vargas um emissario—S. Paulo pediu um governador. O governador Pedro de Toledo, ancião honesto e bom, entre o dictador e o povo que governava, tinha que ficar com o povo.

Quem resistiria á avalanche de entusiasmo que transbordava? O proprio dictador, si estivesse em S. Paulo, teria adherido para combater-se a si mesmo! Accresce que Pedro de Toledo não conhecia o nosso ambiente politico e ficou na situação em que ficaram os paulistas.

O general Klinger é um bom militar. Brioso, não soube fugir. Só isto o redime de qualquer erro.

Tenho horror aos homens que fógem ás responsabilidades e em fronteira alheia contemplam tranquillamente as ruinas que ajudaram a fazer!

São maus militares, são politicos profissionais, são aves agoureiras, são abutres da guerra! Si elles tivessem consciencia, esta os accusaria.

Ella lhes fallaria da Patria desorgani-

zada, da fortuna dispendida, dos mortos em combate, dos mutilados, dos orphãos, das viuvas, dos saques e das violações!

Quem já viu um comboio de retirantes, esfaimados, pedindo esmolas, creanças perdidas, mulheres com o filho ao seio mirrado, tudo sujo, amontoados até sobre o tecto dos vagões, em uma prosmicuidade que causaria nojo, senão horror!

Quem já viu isto, aprendeu como eu aprendi, a ter asco do mau politico. E' esta a nova mentalidade vinda da trincheira!

—Cuidado, homens! A sua vez está chegando. Quem já atirou centenas de granadas, bem póde atirar mais algumas!

CAPITULO VIII

O Espirito das Trincheiras — “Abaixo os politicos profissionaes, aproveitadores das situações e fomentadores das guerras!”

S. Paulo perdeu com honra. E basta. Nas Thermopylas, os tresentos spartanos de Leonidas tambem foram derrotados pelo exercito esmagador de Xerxes. Ainda hoje, porem, o mundo inteiro reverencia esses guerreiros lendarios.

S. Paulo sahio exaltado da lucta porque o seu povo bateu-se heroicamente.

Tratemos de trabalhar e pôr tudo em ordem novamente. Um povo como o paulista reconstrôe melhor ainda do que antes! Assim fez a Allemanha depois da guerra! Quando o mundo pensou que ella nunca mais se ergueria, eil-a, annos depois, farta e forte, alevantada no conceito das nações—uma potencia entre as potencias. Respeitada e admirada!

A lição, porém, aproveitou. A experien-

cia adquirida não foi em pura perda. Aprendemos que a revolução foi fomentada pela disputa de posições entre a Legião Revolucionaria, o Partido Democrático e o Partido Republicano Paulista. O povo foi engodado pelos discursseiros interessados em chamar atenção sobre as suas pessoas.

A revolução não foi preparada. S. Paulo foi atirado á lucta como um brinquedo sem importancia. Os homens que tal fizeram são criminosos de lesa-patria. Que o remorso das vidas perdidas e dos orphãos deixados lhes rôa a consciencia, como a lepra r6e o corpo!

—Não estou fazendo a defesa da causa de Getulio Vargas. O dictador é um politico e, como tal, não me merece confiança. Aguardemos a Constituição proxima, o direito do voto livre! Ella virá! Getulio Vargas sabe agora que ella deve vir. O Brasil inteiro pegou em armas e quando um povo guerreia, os governadores sentem que é preciso governar direito.

Não ficou perdido o sangue generoso derramado, nem a fortuna queimada nos campos de batalha. Todo o movimento leal de um povo guarda sempre uma energia latente que trabalha, invisivel, para deante. O Brasil será fartamente recompensado deste esforço. Será como a

seiva nova e pujante depois da sangria abundante e benefica!

—Quando, entretanto, nos for dado escolher, lembrae-vos, brasileiros, dos patrios tombados no campo da honra! Votae com consciencia e dignidade nos homens honestos e capazes.

«Abaixo os politicos profissionaes, aproveitadores das situações e fomentadores das guerras!»

Esta minha catilinaria só attinge os verdadeiros culpados. E' difficil achal-os. As provas sempre foram os meios mais inseguros para se obter justiça. Geralmente o culpado procura não deixar ou unicamente deixar provas satisfactorias. Só o homem direito não mede a palavra - diz o que sente.

Costumo conhecer os homens pelas suas attitudes na derrota. Todo individuo tem o direito de fazer o que quer: matar, roubar, suicidar-se, desde que se responsabilize pelo acto que pratica. O homem que, dominado, espera sereno o julgamento do vencedor, é sempre sincero. E' sempre um homem! Pode ter errado, mas de boa fé!

Errare humanum est.

Mas, aquelles que das fronteiras fallam de vizeira erguida, são uns pandegos, desconhecedores do proprio ridiculo. Seria melhor calar do que fazer justificativas inconcebiveis!

São cabotinos!

CAPITULO IX

Pax !...

Hoje principiou a vida normal em Lorena. Vae haver missa na igrejinha. Parte da população já voltou á cidade. Ainda, porém, a maioria é de soldados da dictadura. Continúo aguardando ordens.

Dormi bem duas noites, comi bem, tenho sido optimamente tratado. Procedi com criterio, escrevendo o meu livro antes que a nuvem da guerra fosse varrida da minha memoria. A dôr de dentes é muito depressa esquecida. Como descrever a guerra depois de olvidada? Seria querer narral-a sem a ter visto.

Fui á missa. Não sou religioso, ou por outra, sou mais religioso do que os outros, porque a minha religião é a Natureza. Para mim Deus é tudo o que eu não sei!

O homem de sentimento busca a educação e a instrucção como o deserto busca a agua. Si o Sahara fosse irrigado, a terra fertil se arrebetaria em flores!

A falta de instrucção mata o homem. Não a instrucção só do livro. O homem intelligente, vivendo no matto, bebe o ensinamento na folha da arvore, no vôo do passarinho, no ruido da cascata, na quietude da noite! Vós, bachareis de pergaminho, infatuados com a vossa sabedoria, muita vez sois ridiculos perante o caboclo de pé no chão! E é tudo assim na vida!

A Natureza dá tudo, tudo dispõe, e tudo concerta. O homem, que é uma parte do todo, tem a pretensão de querer ser tudo.

Fui á missa. A capellinha era singela, toda de branco e azul. Santos pequenos, mas bonitos. Quatro flôres vermelhas bem no centro do altar. Algumas beatas, uma menina e soldados da dictadura, commandantes e inferiores. Eu era o unico paulista.

Começou a cerimonia. O padre, tambem sympathico, tinha umas botinas surradas e um coroinha que não ajudava bem. Toda a gente se ajoelhou e rezou constrictamente. Não sei rezar—fiquei observando com respeito o sentimento dos outros.

Do harmonium desciam sons que faziam bem á alma. A musica sempre foi a minha fraqueza; põe-me as lagrimas faceis.

Sinto uma calma bôa e a claridade, que

atravessa os vitraes, limpa-me o espirito.

Para que matar? Para que a guerra? Porque não vivem os homens fazendo Patria da sua casa e dos seus filhos? Porque as metralhadoras, as baionetas e os canhões? Quanto arado e quanto machinismo!

Porque perder um tempo enorme em destruir aquillo que ainda custou mais tempo em crear? Porque tirar a vida dos nossos irmãos, sejam da mesma patria ou de patria differente? Patria é o mundo e irmãos são todos os viventes!

Entretanto, eu vi padres querendo seguir para a linha de fogo!

Entretanto, eu que sou medico e feito para poupar, matei e destrui!

A religião diz: não matarás. A medicina diz: cura. Vê, amigo, quanto são frágeis as concepções humanas.

E como são bons os homens que eu quiz trucidar—são iguaes á nós mesmos. Hontem, á noite, sambavam e cantavam á viola. Era a mesma canção de S. Paulo! O accento do norte ou do sul era differente, mas tambem bonito.

A barba maltratada, os olhos ternos, as maneiras delicadas. Nada da rudeza que se suppõe no guerreiro. O homem, em geral, é differente daquillo que parece. Todo aquelle que apregôa honestidade é ladrão. Toda a mulher que berra pela

virtude é profana. Conheci prostitutas cujos sentimentos eram mais finos do que os das damas! Todo o politico que quer salvar a Patria guarda comsigo um interesse proprio!

Não é possivel salvar a Patria! A Patria é o resultado dos homens. Si os homens teem instrucção, ha patriotismo e os governos são bons. O contrario é tolice. Seria o mesmo que o cavalleiro carregasse o burro.

Instrucção para o paiz! Escolas e hospitaes para o Brasil! O resto virá depois: fabricas, cidades, conforto e descanso.

Patria é o lugar onde se vive bem. Patria é isto que eu acabo de dizer. O mais é estultice dos homens.

O padre, no altar, levantou o Santissimo Sacramento. Deu absolvição aos peccadores.

Eu estou absolvido perante a minha consciencia!

CAPITULO X

Meditação Sublime

Daqui a muitos annos, quando nós formos velhos, bem velhinhos, um dia, sentados ao pé do fogo, engelhados, curvos, titubeantes, quasi mudos, nos quedaremos a recordar.

Lembranças do passado; da vida que não voltará mais!

A maior parte—soffrimento.

Men born, suffer and die (os homens nascem, soffrem e morrem); disse, o sabio, ao rei que desejava conhecer a historia dos homens.

De vez em quando, como uma fagulha que salta, um segundo de felicidade, um relampago na escuridão.

Meus netinhos virão dizer-me cousas de um Brasil, grande e feliz.

Então lhes contarei historias do tempo em que o Brasil era ruim.

Das luctas que precisámos travar para redimil-o e tornal-o venturoso:

E elles se admirarão!

O velhinho decrepito alteará o busto, seus olhos brilharão, seus traços se tornarão mais frescos, seus movimentos serão energicos, sua voz, forte e entusiasmada.

Eu lhes narrarei a guerra de S. Paulo!

Eu lhes fallarei da valentia desse povo! Do ardor com que combateram! Do altruismo e abnegação das suas mulheres! Do estoicismo dos seus homens! Dos heróes derrubados no campo de gloria!

Meus netinhos.

Nas linhas de fogo, a jornada de 7 de Setembro, commemorativa do «Independencia ou Morte», foi sublime para os combatentes de ambos os lados.

Frente norte, em Villa Queimada.

Noite inteira ribombaram os canhões e estralou a fuzilaria. Nossa patrulha de assalto havia trabalhado, commandada pelo bravo official, o tenente Henrique.

Escuro na côr, mas branco na coragem!

Admiraveis os nossos homens pretos. A Legião Negra honrou os seus batalhões!

A manhã tinha sido cheia de tiros e plena de alvoroço. Receiava-se a queda de Pinheiros, ameaçada desde 2 de Setembro. Esperava-se a offensiva inimiga a todo o momento.

Recebemos ordens para suspender o tiroteio e nos prepararmos para prestar

continencia á bandeira.

Ao cabo Floriano, corajoso menino, coube a tremenda incumbencia de hasteal-a.

Tremenda! Digo bem. A pontaria do inimigo era certa e abundante. Que o digam os homens sem phalanges e os fuzis estourados!

No alto do morro, o mais visivel, foi levantado um mastro. Os dictatoriaes cobriram a collina de balas.

O cabo Floriano, devagar, amarrou a bandeira. A officialidade formou ao pé do mastro; todos os clarins tambem em fila; as peças de artilharia preparadas para a salva.

O inimigo não sabia do que se tratava e intensificou a metralha. Nenhum homem se moveu. Em posição de sentido escoraram as rajadas que zuniam!

—Sóbe a bandeira lentamente!

Resôa vibrante a clarinada, enchendo o mundo verde de echo e de patriotismo!

A tropa, erecta, apresenta armas. Os canhões dão salvas de polvora secca.

Espanto!

O inimigo, surprezo, pára a fuzilaria. Escuta. E ao ver a bandeira do Brasil ondulando ao vento de S. Paulo, e ao

sentir os clarins entoando a saudação da Patria, esquece tudo, deixa as armas, salta fóra das trincheiras, e tambem presta continencia !

Vivas ao Brasil sahiram dos peitos dictatoriaes e constitucionalistas !

Não se deu mais um tiro até ao escurecer. Os soldados passeiaram despreocupadamente pela crista dos morros.

Seis horas da tarde. Vae-se arriar a bandeira.

Enfileira-se a tropa dos dois lados. Tocam novamente os clarins.

—Em continencia á bandeira ! Apresentar, armas !

Os canhões salvam e o lábaro sagrado desce, majestoso !

Todos se abrigam rapidamente e... rompe a fuzilaria.

* * *

No rechassamento do adversario em Guapiára, nas terras do sul, nossos soldados portaram-se bravamente.

Chegámos ás vinte e tres horas de um dia chuvoso, lá pelas bandas de Guapiára, adeante de Capão Bonito. Até hoje não sei bem o lugar. Ao soldado não importa saber onde está. Basta que não morra.

A' frente dos meus homens, seguia por

uma estrada ruim, obedecendo ás ordens recebidas de avançar até encontrar a linha de fogo.

Perguntei :

—Sempre para a frente? Si não encontrar trincheira nossa devo seguir até esbarrar com o inimigo?

—Sim—foi a resposta.

Fomos andando. Marchámos em silencio durante uma hora.

Subitamente ouvimos um tropél desabalado. Soldados passaram correndo ao nosso lado, jogando fóra, armas, munições e equipamentos. Apanhei um F. M. atirado a meus pés.

Chamei alguns. Ninguem me attendeu. Precisei agarrar um delles pelo braço e sacudil-o. Então, angustiado, clamou :

—Fujam! Elles veem atrás! E disparou.

Fiquei com medo. O pavor é contagioso. Senti desejos de correr. Parecia-me que o inimigo era um monstro enorme, que avançava na escuridão.

O caçador de queixadas sabe que a vara é feia de se ouvir de longe. Tem-se a impressão de um bicho só, grande como um elephante.

Meus soldados tambem estavam atemorizados.

Reagi. Adverti-os severamente :

—Não viémos aqui para correr! Em li-

nha de combate! Estender! Granadas na mão!

Passaram-se quinze minutos. Silencio absoluto. Pensei que os homens haviam corrido sem motivo.

De repente, chegou o inimigo. Uma barulhada de cavallos e de insultos.

Surgiram homens no alto do morro, destacados como sombras no antepáro do céu. Era um bando acostumado a não encontrar impecilhos na investida. Ganhava terreno estupidamente, sem tactica e sem defeza. Arrastava o facão pelo solo e gritava palavrões immundos.

Deixei que se approximasse até quarenta metros.

—Fogo!

Cento e vinte granadas foram arremesadas com medo e com raiva.

Ergueu-se uma columna de fogo, alta como um muro e longa como um trem. O estrondo foi espantoso. No clarão, distingui, um homem tombar de bruços, com as mãos no rosto, e um cavallo agitar as patas para o ar.

Gritos e imprecções. Tentou reagir. Outra columna de fogo levantou-se. Tombou. Ergueu-se novamente e... fugiu.

Foi assim que se quebrou o impeto com que os dictatoriaes se arremettiam aquella noite, contra Itapetininga.

Ouvi dizer que tencionavam almoçar lá, no dia seguinte.

* * *

Mas não foi só de victorias a guerra dos constitucionalistas. Tivemos tambem revezes.

O assalto do morro da Pedreira, no norte, foi uma calamidade!

Esse morro, bastante alto, dominava a situação, sendo por isto disputado sem tréguas pelos dois contendores. Occupavamos o outeiro e os canhões nos desalojavam. O inimigo apossava-se d'elle e a nossa tropa de assalto escorraçava-o dali. Assim, varios dias.

Certa occasião, porém, endureceram. Fizemos força, mas nada conseguimos. A collina era alta e estava erichada de metralhadoras.

Foi, então, para nosso merecido repouso, chamado o grupo de assalto composto de ex-combatentes da grande guerra. Dizem os dictatoriaes que elles eram allemães, mas não é verdade. Eram filhos de estrangeiros, residentes em S. Paulo. Possúo cartas, recolhidas dos mortos, escriptas em allemão, nas quaes confessam isso.

O capitão da companhia, grande e conversador, tinha o sotaque originario dos teutões. Inquiri-o:

—Então, capitão, como vae ser a Pedreira?

—Pedreira “ser sopa”, tenente. Estamos habituados. Servimos quatro annos na guerra européa. Para minha gente isto é brinquedo.

Fiquei envergonhado e resolvi ir assistir ao assalto. O coronel Euclides, de binoculo, presenciou-o tambem.

Tudo foi errado nesse ataque. A artilharia possuia pouca munição, e, carecendo dar cem tiros, deu sómente seis.

Os homens lançaram-se pela encosta acima, cobertos pelo fogo dos canhões, que devia manter o inimigo dentro dos abrigos, ignorante da massa que subia.

Quando se acabou a nossa munição de artilharia, os dictatoriaes espiaram e perceberam o grupo assaltante, ainda a trinta metros.

Foi uma chacina!

O capitão cahiu morto na crista da trincheira, com dois tiros na cabeça e um no peito. Tres homens tombaram logo atrás. O restante veio rolando, aos trombolhões, morro abaixo.

Os que se levantaram, tentaram subir novamente, mas vieram engrossar o numero de mortos do sopé da collina.

Debandaram, deixando no campo dezesepte mortos e trinta e dois feridos.

Si não nos tivesse faltado o fogo de

apoio, o morro da Pedreira teria sido tomado nesse momento.

Os mortos e feridos ficaram lá uma porção de tempo, apodrecendo. Quem os poderia acudir com tamanha fuzilaria de barragem!

O inimigo, entretanto, amedrontou-se e abandonou o morro.

O capitão Alduino, á noite, trabalhava com seus sapadores na restauração do local, quando foi metralhado pelos dictoriaes.

Para salvar-se, atirou-se pelo declive. Encontrou um obstaculo frio e inchado como um tambor. Era o capitão morto. Deulhe um pontapé e despencou-se pelo morro abaixo, junto com o cadaver.

* * *

Povo tremendo o de S. Paulo.

A retirada do Apiahy da Ribeira foi qualquer cousa de épica!

A tropa, que mais tarde veio a constituir o Contingente de Assalto Saldanha e naquella occasião era commandada pelo cel. Barboza, teve ordem de occupar Ribeira, na divisa do Paraná.

Nessa posição já se encontrava o cel. Azarias Silva, á frente de seiscentos homens.

O inimigo alastrava-se pela fronteira. Iniciou-se a peleja. Inexplicavelmente o

cel. Azarias entregou-se, com quatrocentos homens. O capitão Miranda, da mesma tropa, não sentiu necessidade de render-se, e, após quatro dias de marcha, vem reunir-se ao Batalhão Barboza, em Apiahy.

Entregue Ribeira, chegou também a má nova de que Ribeirão Branco e Itaóca estavam em poder dos dictatoriaes que, com uma columna de mil e oitocentos homens e trinta e dois canhões, marchavam contra Capão Bonito, afim de cortar a retirada dos constitucionalistas da frente sul.

Com toda presteza foram enviados quatrocentos homens para defender esse lugar, enquanto se aguardava a vinda de maiores reforços.

Infelizmente o inimigo ali chegára primeiro, e a nossa tropa, que marchava de Apiahy e Guapiára, via Capão Bonito, foi apanhada de surpresa, em um descampado, pelos dictatoriaes, entrincheirados em uma garganta, e soffreu uma fragorosa derrota.

Disparou tudo—os officiaes na frente.

O bravo capitão Ananias gritou a outro capitão:

—Que covardia! Páre e volte tomar posição. Nossa artilharia vem já a caminho.

Chovia a cantaros.

Mais tarde appareceu um automovel,

conduzindo officiaes, para parlamentar. De regresso levaram tambem officiaes nossos, que foram verificar de visu a disparidade de qualquer resistencia.

Disseram-lhes :

—Os constitucionalistas estão cercados; não ha possibilidade de escapula. Estão fechados dentro de um triangulo—Ribeirão Branco, Ribeira do Apiahy e Capão Bonito. Tentar romper esta ultima cidade, é impossivel; está fortificada com mil e oitocentos homens e trinta e duas peças de artilharia. Rendição.

Os nossos pediram vinte e quatro horas de armisticio.

O capitão Ananias não quiz se entregar e suggeriu a retirada do Apiahy até o litoral, via Juquiá—Santos.

Muitos o seguiram valorosamente, carregando armas e bagagens. Outros o acompanharam por medo, jogando fóra tudo.

Assim, ficaram abandonados trinta caminhões grandes, um caminhão cheio de automaticas e munição, e dois canhões 75 com tresentos tiros.

Por uma estrada má, que ia dar em Furnas, enfiou-se a tropa, sem commando, em grupos de vinte a cincoenta homens.

Dahi para deante, o matto sem fim.

O céu despejou-se em cataractas du-

rante os cinco dias gastos pelos homens para attingir Yporanga.

Abrindo picadas á facção, dia e noite, caminharam os soldados.

Sóbe morro, desce morro, cipó que enrosca, taquara que córta, escuridão profunda, tombos, gritos, lama preta e escorregadia, riachos com agua até o peito, frio e fome.

Chuva. Chuva. Chuva.

E medo. O inimigo tentava cortar a retirada da tropa. Na pressa, os soldados largavam fuzis, munições e equipamentos. Homens feitos, arrancavam os cabellos e choravam como creanças.

Alguns cahiram em grotas, onde morreram. Outros foram tirados com cordas.

Cem homens foram cercados e presos. Nem reagir puderam, tal a fadiga.

Em seguida, sempre margeando o rio, pelo brejo molle e trahidor. Gente sumiu-se no lodo durante a noite!

Batataes, Xiririca, Sete Barras.

Dantesco!

O egoísmo do perigo. Cada qual por si.

Não se acudia mais os que tombavam. Canôas viraram na correnteza e a tripulação morreu afogada. Dezoito de uma só vez.

E a fuga continuava.

Um official disputa um cavallo com o soldado que o montava. Não foi attendi-

do. Mais tarde esse homem matou o animal que tanto o servira.

Afinal... o naviozinho e os japonezes, bons e cavalheiros.

A soldadesca chegou esfarrapada. Precisou oito dias de repouso para poder ficar de pé.

Mas não se havia rendido!

Bravos!

* * *

Fatigado, o velhinho se calará, tremulo e com os olhos humidos.

E se recolherá a uma meditação sublime, profunda e silenciosa.

A vida é assim. Não pôde ser diferente.

—Quem passou pela vida em branca nuvem,

—E em placido regaço adormeceu,

—Foi espectro de homem, não foi homem,

—Só passou pela vida e não viveu.

* * *

«EU ACREDITO EM SÃO PAULO. POVO SOBERBAMENTE AUDAZ, CRÊA, CONSTRÓE E AVANÇA.»

(Palavras do general Waldomiro Lima, pronunciadas em Bello Horizonte, durante o banquete que lhe foi oferecido pelo governo de Minas.)

CAPITULO XI

“Acta fabula est” Conclusões da historia que se acabou”

Desceu o velario—está terminado o espectaculo.

A revolução de S. Paulo acabou-se.

Daqui a três mezes não mais nos lembraremos della, nem dos sacrificios, nem dos mortos, nem de nada.

Proseguiremos, impavidos, sem mesmo notar que o terreno que pisamos está cheio de sangue e coberto de ruinas.

E’ a marcha dos mundos.

“Tout casse, tout lasse, tout passe”.

Assistimos a uma grande tragedia—o povo de S. Paulo, offerecido em supremo holocausto á sua terra.

Ha cousas enormes, quasi impossiveis de ser admittidas.

A derrota de S. Paulo é uma dellas. O paulista de verdade nunca chegará a comprehendel-a.

Três grandes factores produziram este desastre.

Primeiro: o agente político, forjando uma rebelião, para auferir proveitos, sem participar dos perigos e dos prejuizos da mesma.

Segundo: a falta de visão dos governadores e chefes da revolução, que, um mez e meio depois do inicio da guerra, tiveram oportunidade de fazer um accordo honroso para S. Paulo, mas não tiveram coragem para arrostar o entusiasmo que havia dominado a população, ignorante da realidade dos acontecimentos. Ficaram com medo de apagar o estopim a que haviam posto fogo.

Terceiro: a pusillanidade e a felonía de certos individuos. Uns e outros causaram as difficuldades da lucta, as perdas de posições inexpugnaveis, as retiradas inopportunas, e o alquebramento da resistencia moral dos nossos soldados, levando-nos, pouco a pouco, ao passo final da capitulação sem condições.

* * *

Não faz mal. Ser derrotado desta maneira não é vergonha.

Havemos de continuar a batalhar por S. Paulo. E havemos de vencer.

Vamos agora fazel-o pelas urnas. Depois... fal-o-hemos do geito que fôr preciso.

Quando eu olho para o povo da minha

terra, sinto como elle é forte e como a terra é pujante.

S. Paulo! S. Paulo! S. Paulo!

* * *

A conflagração européa produziu no mundo complicações economicas e sociaes, até agora insanadas.

A guerra de S. Paulo trará ao Brasil perturbações formidaveis, sob os mesmos pontos de vista.

Quando nós accendemos uma lampada de pressão, tanto maior é o calor quanto mais ar injectado. O combustivel, porém, gasta-se proporcionalmente.

A guerra é um tremendo jacto de energias movimentadas no seio de um povo. O trabalho produzido em um tempo curtissimo, corresponde ao trabalho de seculos. O povo exaurido, esgota-se em uma ou duas gerações. As vindouras, comtudo, saborearão os fructos opimos da semente abnegada.

Assim vem fazendo o mundo desde o seu começo infórme até seu destino interminavel.

As creaturas humanas são miseras formigas perante o mysterio insondavel do infinito.

Nada quéda perdido, todavia, nesta marcha ininterrupta para a Civilização e o Progresso.

Linda finalidade para o homem!

* * *

O passo de gigante que a humanidade dá durante os grandes sacrificios, como as guerras, adeanta, a ampulheta dos tempos, de muitas voltas.

E' como se dormissemos e acordássemos cem annos mais tarde.

Tudo estaria mudado. As ruas, as casas, os vehiculos, os homens, as mulheres, as creanças, as roupas, as linguas, as invenções, as religiões, a politica, a sociedade, a moral e a economia.

Deste modo, após os grandes movimentos que convulsionam o planeta, faz-se mistér que as multidões deem tambem um largo passó.

E é somente pela persistencia dos povos, agarrados aos costumes antigos, quando o mundo adeantou-se tanto, que se nota a especie de insania e incongruencia que acompanha os homens, na geração actual.

E' a lucta dos retardatarios contra os pioneiros da civilização. E' o periodo de transição.

A Sociedade das Nações tomada do louvabilissimo intuito de restabelecer a paz universal, esteriliza-se em discussões inuteis, sem poderes para vencer o interesse armamentista dos velhos corvos da guerra.

‘Lloyd George, em um recente Congresso da Sociedade Internacional da Paz, realizado em Londres, pronunciou um discurso sensacional em que declara que o perigo de um conflicto mundial é, hoje, tão grave e tão imminente como acontecia nos dias que precederam a guerra, em 1914.

‘Ninguém quer a guerra—disse entre outras coisas Lloyd George—mas isto não significa que possamos conservar a paz, pois, em verdade, a situação internacional é hoje tão difficil, e pesam sobre ella tais ameaças, que me recordo de um modo impressionante e angustioso dos dias de 1914 que precederam o começo da grande guerra.

Naquelle momento, como agora, nenhum governo da Europa desejava a guerra. Talvez os surprehenda esta declaração, feita agora por mim. Mas, tive occasião de ler, recentemente, os telegrammas trocados entre as cortes, as chancellarias e as embaixadas, em vespéras do conflicto, e adquiri a convicção de que, com effeito, nenhum governo desejava, então, a guerra. Esta rebentou, apesar disso, e de tal forma pôde desencadear-se agora, sem que ninguém a deseje.

Têm sido inúteis quantos esforços havemos feito para evital-a, para proscvel-a? Olvidamos o pacto Kellog. Era vã aquella magnifica promessa de Locarno, firmada por cincoenta e seis nações que declararam, solememente, que a guerra não se verificaria mais?

Com effeito é de se temer que tenhamos trabalhado e esperado em vão, desde que, após tantos convenios, que têm por fim manter a paz, não tenham cessado de augmentar, anno por anno, os gastos feitos pelas nações para preparar a guerra.

O primeiro ministro francez fez uma viagem a Londres para travar entendimentos com os nossos ministros e, segundo tive conhecimento, propoz que o excedente do armamento mundial seja guardado em depositos seguros, installados em diversas regiões da Europa.

Penso que destruir esses armamentos é realiação mui-

to mais acertada e efficaz, que guardal-os em armazens especiaes.

Fui um dos que firmaram o «Tratado de Versailles» e dos seus quatro autores. Tenho, portanto, o dever de defendel-o e de pedir que seja integralmente observado.

Nesse tratado garantiamos á Allemanha, que se desarmava nas condições fixadas no Pacto, que nós, os vencedores, seguiriamos o seu exemplo. A Allemanha satisfiz o seu compromisso, mas nós faltámos á nossa palavra e, em vez de diminuir os nossos armamentos, como havíamos promettido, tratamos de augmental-os incessantemente. Isto é vergonhoso!

Quando se firmou o tratado de Versailles, a maioria dos que o assignaram não tinha a menor intenção de honrar a sua firma; e antes de seccar a tinta com que foi escripto o Pacto, já pensava em crear novos corpos de exercito e ultimava os projectos militares, que logo foram realizados.

Hoje os allemães sabem que foram enganados e trahidos; e não ha, para a paz, maior perigo que á indignação legitima de um povo que foi tratado sem lealdade e injustamente.

O mundo se acha actualmente em situação critica que ninguem é capaz de prever o que pode acontecer. Só nos pode salvar, evitando um novo e immenso desastre, o esforço unanime dos povos, para entender-se entre si, através das fronteiras e por cima dos obstaculos levantados pelos governos.

Mas se os povos voltam a deixar-se arrastar por seus governantes, como em 1914, a guerra voltará a cobrir o mundo de horror e de opprobio, como em 1914.

(Transcripto - Paris - Correspondencia especial)

(Diario da Noite, 12-12-32)

As bellas artes e a literatura, enveredam-se por estradas futuristas, buscando um ponto que ainda está longe de ser o almejado.

to mais acertada e efficaz, que guardal-os em armazens especiaes.

Fui um dos que firmaram o 'Tratado de Versailles' e dos seus quatro autores. Tenho, portanto, o dever de defendel-o e de pedir que seja integralmente observado.

Nesse tratado garantiamos á Allemanha, que se desarmava nas condições fixadas no Pacto, que nós, os vencedores, seguiriamos o seu exemplo. A Allemanha satisfiz o seu compromisso, mas nós faltámos á nossa palavra e, em vez de diminuir os nossos armamentos, como havíamos promettido, tratamos de augmental-os incessantemente. Isto é vergonhoso !

Quando se firmou o tratado de Versailles, a maioria dos que o assignaram não tinha a menor intenção de honrar a sua firma; e antes de seccar a tinta com que toi escripto o Pacto, já pensava em crear novos corpos de exercito e ultimava os projectos militares, que logo foram realizados.

Hoje os allemães sabem que foram enganados e tra-hidos; e não ha, para a paz, maior perigo que á indignação legitima de um povo que foi tratado sem lealdade e injustamente.

O mundo se acha actualmente em situação critica que ninguem é capaz de prever o que pode acontecer. Só nos pode salvar, evitando um novo e immenso desastre, o esforço unanime dos povos, para entender-se entre si, através das fronteiras e por cima dos obstaculos levantados pelos governos.

Mas se os povos voltam a deixar-se arrastar por seus governantes, como em 1914, a guerra voltará a cobrir o mundo de horror e de opprobio, como em 1914.

(Transcripto - Paris - Correspondencia especial)

(Diario da Noite, 12-12-32)

As bellas artes e a literatura, enveredam-se por estradas futuristas, buscando um ponto que ainda está longe de ser o almejado.

Dizem que os latinos são povos de sangue quente e que os teutões e saxões são povos de sangue frio.

Realmente, o que acontece é que estes ultimos mais depressa se aproximaram da natureza. Na Allemanha e na Austria, o homem e a mulher estão habituados a viver juntos nas diversões, nos negocios, na escola. A attracção dos sexos é um phenomeno normal e sem exageros. Para o latino a mulher sempre foi uma cousa de se esconder e separar. A attracção do sexo subsistiu como uma sêde exacerbadá, conduzindo á excessos de todo genero. Dahi, os crimes pelo ciume, a punição do adulterio a tiros, os casamentos infelizes, e os desvios da mocidade de ambos os sexos.

Quando a mulher, um dia, livre e independente como o homem, trabalhando para sustentar-se, púder escolher desembaraçadamente seu companheiro, ella não irá buscar um vagabundo ou um marido qualquer que lhe apparecer, para ser o homem que a sustentará depois do pae, mas irá escolher o companheiro idolatrado naquelle que reunir as condições exactas para preencher sua formação biologica, do mesmo modó que no corpo humano, a cellula busca sem errar a outra cellula que a completará.

Ao homem acontecerá outro tanto. A

diminuição de matrimonios resulta dos encargos financeiros que a esposa vem ajuntar á formação do lar. Quando não mais tal succeder, o homem deixará de ir buscar no prostibulo immundo e doentio, aquillo que a companheira sadia e amorosa ha de lhe offerecer, constituindo com ella uma vantajosa sociedade, na divisão das responsabilidades e na manutenção economica da familia. Como serão bemvidos e amados os filhos de uma união tão pura e tão perfeita!

E si houver um engano? Que será dos filhos?

Já repararam em uma gallinha cuidando pintos creados em uma chocadeira? Pois os pintos nascem em quantidade e vingam tambem.

O amor filial por toda a vida é uma aberração humana. Os outros animaes cuidam da prole até um certo ponto; depois ella é entregue á commuidade.

Certos povos mesmo já possuem a noção do limite de attenção a dispender com o filho.

Quem desconhece a historia dos nossos velhos portuguezes, mandando, sósinhos, para o Brasil, os filhos de dez annos, onde elles agora são millionarios?

Nos Estados Unidos, a moça é entregue á responsabilidade de si mesma, logo que manifesta desejos para tal.

No Brasil, o filho é um appendice fixado ao pae a vida inteira. Temos os vadios perennes e os inexperientes incapazes.

Na Grecia antiga, o filho era propriedade do estado e não da familia. Recolhia-o, creava-o e educava-o.

Pois bem. Os filhos do amor feliz e do amor infortunado encontrarão, no mesmo tecto, os mesmos direitos e a mesma igualdade. Não haverá, então, filhos espurios. Actualmente ha filhos sem nome e infanticidios.

Isto é amor livre.

A organização social progredirá. Os costumes melhorarão lenta e gradativamente pela diffusão da cultura. Os politicos serão honestos pela maior autoridade do povo sobre elles, cada cidadão se constituindo um fiscal da moralidade publica.

O ouro perderá o valor de moeda; outros valores surgirão.

O proletariado miseravel e esfaimado, louco por communismo, deixará de existir, porque o capitalismo não lhe sugará a vida, como actualmente.

As descobertas e as invenções crearão cidades maravilhosas; o automovel será substituido pelo dirigivel e pelo avião; a radiotelephonia será completada pela televisão.

As doenças desapparecerão e a huma-

nidade irá morrendo de uma velhice feliz e natural. A morte não será o resultado da molestia, mas será o somno calmo que dormimos todas as noites.

As sciencias de hoje nada significarão, comparadas com as que se hão de descortinar.

Encontraremos o segredo dos phenomenos espiritas; não desse espiritismo barato, ignorante e pernicioso, espiritismo de negro mina, mas daquelle que os sabios já entreviram, na Sorbonne, sem comtudo obter provas rigorosamente exactas, de que eram pessoas mortas, as aparições manifestadas.

Entraremos no dominio da arte pura e da intellectualidade, do conforto e da paz universal.

E a Terra proseguirá em uma trajectoria victoriosa de progresso e de civilização na sua ronda eterna pelo infinito!

Talvez isto seja Deus!

— FINIS —

Viu, lutou e escreveu...

Não sei, ó meu leitor, se já te chegou ás mãos o livro intitulado RENDA-SE, PAULISTA!, de autoria do dr. Luiz Vieira de Mello, medico civil, official de combate e chefe do material bellico do contingente de assalto Saldanha da Gama, parte integrante das "forças constitucionalistas" de São Paulo.. Se, ainda, não conheces essas paginas, terriveis e commovedoras, em que, de vez em quando, ha ranger de dentes, em convulsões de desespero, e gargalhadas de escarneo, atiradas á face de servandijas e cobardes, de criminosos e traidores, procura, quanto antes, pôr-te em contacto com as verdades amargas que ellas denunciam, e com as advertencias salutaes que, por igual, subministram a nós todos, pois só assim ficarás familiarizado com as evidencias da tragedia que, por quase tres meses, ensanguentou o sólo do Brazil, sacrificando tanta gente, e te has de integrar nos reclamos supremos da Patria estremecida, que precisamos zelar e defender.

Quando recebi esse trabalho, que me foi enviado pelo seu illustre autor, trabalho formidavel, de consciencia e de civismo denodado, ao lhe abrir o prefacio retumbante, e ao deixar cair a vista nas primeiras linhas lá escriptas, por pouco que não renunciei á tarefa de proseguir na leitura iniciada...

"Este livro é escripto — diz o paulista, com calor — para o povo da minha terra. Quero que São Paulo saiba porque perdeu a Revolução!"

Imaginei logo o que seria o resto do volume... Uma

catilinaria de todos os diabos, contra os demais Estados do País, a delatar a rubra paixão e o despeito remordente, característicos de quem contava com a victoria e teve que olhar, face a face, as consequencias da derrota; um hymno, como tantos, á grandeza, ao heroismo e á civilização dos paulistanos, como se os outros brasileiros não possuíssem, tambem, glorias, tradições, virtudes e heroicidades, para cantar, alacremenente, em suas horas de orgulho; uma série de pabulagens e de bravatas infantis, que chegariam, por certo, a ser pathéticas, se não fôssem, antes disso, profundamente lôrpas e ridiculas.

Uma phrase, entretanto, logo em seguida, fez-me continuar em tal leitura... É aquella em que o escriptor assevera que o levante de Julho fracassára, devido á "cobardia dos políticos que a tramaram". (Pag. 3).

Comecei a interessar-me pela obra, porque, immediatamente, lobriguei que o commentarista, arrebatado, mas leal e preciso, na sua observação escrupulosa, não quisera fazer a historia dos dias aziagos da revolução de sua terra, "através do angulo paulista", como fizera o talento egoistico e falsamente interpretativo de Menotti, mas sob o ponto de vista da verdade sociológica e ethnogenica, identificado com as realidades politicas e culturaes de nossa Patria. Antes de falar como filho abnegado e consciencioso da Paulicéa desvairada, elle se resolveu a escrever como brasileiro e patriôta que não ignôra a exacta situação intellecto-moral do ambiente em que vivemos. E exprimiu-o, ousadamente, naquella sentença preciosa:

— "São Paulo perdeu, porque os homens que fomentaram a guerra, sabiam de antemão, que lá não iriam, nem os seus filhos",

Sabe-o elle, sem duvida em demasia, e pôde dizel-o, com segurança e firmeza, porque não foi, acaso, dos que ficaram na molleza e na quentura dos salões, para fazer discursos laméchas, nos *studios* de radio, ou garantir faceis estimulos, nas columnas dos jornaes, senão dos que se abalaram, valentemente, para as agruras das

trincheiras, de mosquetão em punho e de facão a tiracollo, para morrer, ou para matar os seus adversarios, depois de haverem offerecido á causa collectiva, tudo o que em metaes preciosos possuíam!

“Tenho autoridade para falar da revolução!”— exclama o bravo soldado-expositor (Pag. 6), homem que não sabemos quando mais bravo se revelou, na existencia, se ao batalhar, como um insano, nos campos da peleja, se ao pegar da penna para escrever o seu livro exemplarissimo...

E esclarece-nos, depois :

“Vi os combates, os assaltos, o bombardeio, os retirantes. Senti o medo e o heroismo da guerra. Passei fome, dias seguidos. Fiquei sem dormir; repousei na chuva e na lama, o firmamento por tecto e o orvalho por cobertura. Houve momentos em que a minha vida valeu menos do que um trapo sujo! Fui prisioneiro da Dictadura. Estive asylado no Estado-Maior do 9.º Regimento de Infantaria do Rio Grande do Sul, em Lorena. Cito factos e nomes para provar que vi. Se não tivesse visto, não seria capaz de escrever este livro. Facil para aquelle que possui as scenas gravadas no intimo, é uma tarefa impossivel para quem não viu...”

O dr. Luiz Vieira de Mello não é, por consequencia, um desses parlapatões do civismo de pé leve, um desses simples rouquejadores de petulancias e insolencias, acastelladas no tinteiro, um desses barregadores de patriotas e patrioticas, de guêla protegida, famosos no clamar, nas horas graves, o classico—“preparemo-nos e ide!”

Elle foi, viu, pelejou e conseguiu escapar ao morticínio.

Antes de ouvirmos qualquer outro depoimento sobre os ultimos acontecimentos de São Paulo, se desejarmos ser honestos no juizo e equilibrados nos motivos, teremos que escuta-lo, que attende-lo, que aprender, nos seus relatos, o que foi a desastrosa empreitada de Julho deste anno. Ninguem melhor do que elle teria ou terá elementos testemunhaes para conduzir-nos ás finalidades serenas do historiador, visto como, além do mais, o seu

espírito de equidade e de justiça chega a ser inacreditável, realmente, depois daquillo por que passou, na grande luta, para traçar, com superioridade e com altruismo singular, algumas feitas, os conceitos admiráveis e reconstructores, que lhe notificámos no opúsculo.

Tendo soffrido horrores, inenarráveis e bravios; matado para não ser morto, muita vez; escutado o chamamento do sepulcro, em varias occasiões terrificantes; experimentado a fuga milagrosa, no momento em que ia ser liquidado por uma rajada de metralha; tendo perdido o seu irmão, estupidamente, como victima, das primeiras, do episodio desgraçado; na su'alma não morreram nem sequer adormeceram os sentimentos que dignificam e exalçam o cidadão, em face do País que lhe foi berço. Bom e legitimo patrióta, brasileiro de rija tempera, caldeado no amor a esta Nação, gigantesca e admirável, elle sabe discernir, perfeitamente, as culpas e os culpados, para não querer, afinal, responsabilizar o Brazil, pelos erros e abusos de alguns individuos sem noção de civicos deveres, e se ergue, então, como um estoico, para repôr as coisas nos seus legitimos logares, não se podendo estabelecer quando é mais digno o seu invulgar procedimento—se quando enalteece os valores de São Paulo, se quando se preocupa com a sorte do futuro da Patria commum, que precisamos preservar das más surpresas do futuro!

Dos que fizeram a revolução de armas nas mãos, o dr. Vieira de Mello foi dos que mais dêram, pela gloria de São Paulo. Leiam-lhe o trabalho commovente, e sentir-se-ão todos empolgados pelas attitudes desse lidador insuperavel, no destemor e na audacia.

Perdidá, no entretanto, a cartada, infelicissima, eil-o a chamar á razão os seus patricios: — “Eu preciso accender a luz no cerebro do povo paulista e varrer de sua mente o pesadêlo que o devóra!” (Pag. 78).

E, em analyse percuciente, justa, calma, perfeita, mostra-lhe as causas do decesso. Não havia munições sufficientes. Não havia as armas necessarias a uma guerra.

destes tempos. Não havia aparelhamento idóneo para a victoria desejada, em que pesassem as apparencias em contrario...

Como vencer?

Escutemos-lhe o libello:

"Os homens que dirigiam a *frente unica*, sabendo que não iriam entrar nos combates, mas dirigi-los e estimulá-los, de longe, esqueceram-se, por sua vez, de prevenir o que era de mistér".

"Só quem vai brigar é que examina se possui fuzil e se tem balas!".

"São Paulo contou com o Rio Grande, este com Minas e Minas com São Paulo, O circulo vicioso. Como os meus patricios vêm, elles não tiveram culpa. Foi só um ligeiro esquecimento: atiraram o povo de São Paulo, sem armas, sem munições, sem aviões e sem canhões, contra a Dictadura armada até os dentes!"

"Travam-se os combates. Os soldados recuam, por não ter mais tiros. Os canhões não respondem, porque faltam balas. Os aviões nos metralham e bombardeiam, porque não temos outros para combater-los. O soldado, creatura humana que não é de ferro, fraquêja, hesita e dispára. Batalhões inteiros viêram de licença, e não tornaram a regressar. Outros batalhões não quizeram combater mais..." (Pags. 80 e 81).

E, num arroubo, de justificavel orgulho de paulista, exasperado:

"Tivessem dado armas a esses homens, e elles passariam o Cattete, para esbarrar na Guanabara!"

A pag. 48 faz os funeraes politicos do galhardo João Neves da Fontoura!

O paladino, que fizera tanta "fita" desertára, no momento do mau exito... e zarpára com destino ao Paraguay! Foi um desapontamento!

A parte final do volume é toda de conselhos ao povo paulistano e de lições ao exercito brasileiro.

A certa altura, pondêra:

"A revolução foi uma escola de guerra para o País.

Mil manobras militares não dariam o mesmo resultado. Ficou plenamente provado que o Brazil guarda um povo de valentes!" (Pag. 92).

No penultimo capitulo, traça estas considerações edificantes :

"São Paulo perdeu com honrã. E basta. Tratemos de trabalhar. Um povo como o paulista reconstróe melhor ainda do que antes. A experiencia adquirida não foi em pura perda. Aprendemos que a revolução foi fomentada pela disputa de posições. O povo foi engodado pelos discurseiros interessados em chamar attenção para suas pessoas. São Paulo foi atirado á luta como um brinquedo". (Pag. 98).

E, depois de fulminar os poltrões, que fógem ou desapparecem, na hora de assumir as responsabilidades de seus actos, esmaga-os com o ridiculo.

Um livro bello, humano, fórte e sobretudo, patriótico, brazileirissimo, o do dr. Luiz Vieira de Mello!

Altamirando Requião

(Director Geral do «Diario de Noticias» da Bahia - 7-12-932)



* * *

INDICE

Prefacio da segunda edição	8
Prefacio	10
Ordem do dia do Capitão Saldanha, lida uma hora antes de desencadear-se a batalha de Guará, a maior que haveria na America do Sul. . .	15
CAPITULO I	
O título deste livro	19
CAPITULO II	
Porque S. Paulo entrou na lucta. A politica do Partido Democratico e do Partido Republicano Paulista contra a politica dos tenentes. . .	31
CAPITULO III	
O que eu sei depois da guerra	39
CAPITULO IV	
A guerra.	
a) Enthusiasmo inicial. Organização bellica. O heroismo do Tunnel	51
b) Um mez depois. Onde o Rio Grande do Sul e Minas?	56
c) Dois mezes de lucta. Desanimo do voluntariado. Aparecimento do verdadeiro guerreiro. . .	59

d) Os idealistas do ultimo reducto. "Vencer ou morrer!"	67
CAPITULO V	
Trahição I.	85
CAPITULO VI	
Gregos e Troyanos	97
CAPITULO VII	
"A quelque chose malheur est bon." Experiencia da guerra	123
CAPITULO VIII	
O espirito das Trincheiras. "Abaixo os politicos, aproveitadores das situações e fomentadores das guerras."	134
CAPITULO IX	
Pax I...	137
CAPITULO X	
Meditação Sublime	141
CAPITULO XI	
"Acta fabula est". Conclusões da historia que se acabou	154

Ao leitor.

Nas transcripções de jornaes respeitei a redacção do articulista.

A revisão rapida deixou escapar alguns erros que serão correctos opportunamente.

Mantive a linguagem de guerra deixando de gryphar os neologismos.

O Autor.